



BALANÇO ANUAL 2019 E PERSPECTIVAS

Dezembro/19



CENÁRIO
INTERNACIONAL



CENÁRIO
BRASIL E MINAS



ANÁLISE SETORIAL

MENSAGEM DO PRESIDENTE



Avançamos. Ao longo de 2019, superamos importantes desafios econômicos, políticos, sociais e ambientais. Agora, o Brasil começa a respirar e a dar sinais de recuperação econômica, pautada por conquistas consolidadas neste ano, como o controle da inflação, a redução da taxa básica de juros, a lei da liberdade econômica e a reforma da Previdência. As bases para um 2020 de crescimento estão postas.

No Balanço Anual de 2018, encerrei a minha mensagem afirmando que a FIEMG estava preparada para prestar a sua contribuição na superação dos desafios brasileiros e mineiros, assim como na conquista de um país e de um estado mais competitivo, socialmente justo e economicamente desenvolvido.

Foi com esses anseios que enfrentamos, logo no início de 2019, um dos maiores desafios da história de Minas Gerais. Em 25 de janeiro, o rompimento de uma barragem de rejeitos de minério em Brumadinho impôs aos mineiros uma experiência de impactos sociais, econômicos e ambientais de enormes proporções, quatro anos depois do rompimento de outra barragem em Mariana.

O Sistema FIEMG não poupou esforços para apoiar o governo de Minas Gerais, as empresas e as famílias impactadas direta ou indiretamente pelo rompimento, com o apoio de profissionais para assistência social, fornecendo amparo psicológico adequado para a população. Paralelamente a isso, atuamos para que o setor extrativo mineral pudesse se reestruturar e voltar a atuar de forma segura, oferecendo garantias para os mais de 20 milhões de mineiros – papel que desempenha desde os primórdios de fundação de nosso estado.

Dessa forma, promovemos uma profunda reflexão sobre a indústria da mineração, certos de que é imperioso garantir segurança à população e assegurar contribuição social aos municípios e estados que recebem a atividade mineradora. Com o mesmo grau de importância, é fundamental a preservação da indústria extrativa, tendo em vista o seu papel como indutora de crescimento econômico e avanço social, especialmente sob a forma da geração de empregos em centenas de municípios brasileiros.

É digno de nota que a previsão de crescimento do PIB de Minas Gerais foi revisada de 3,3% para uma contração de 1,34% em 2019, influenciada pelos efeitos da paralisação parcial da atividade minerária no estado após o rompimento da barragem em Brumadinho. A frustração de expansão de crescimento do PIB nacional também foi explicada, em parte, pelo mesmo motivo.

O Anexo Especial deste relatório traz uma análise dos impactos econômicos e sociais de cenários de queda de produção da extração mineral, que acumula perda de quase 25% no ano, reduzindo a geração de empregos e a arrecadação tributária, bem como o faturamento e a renda de diversos segmentos econômicos, e não somente da indústria. As medidas anteriormente citadas – desenvolvidas pela FIEMG, pela própria indústria, pela sociedade e pelo Governo do Estado – contribuíram para evitar queda da produção mineral em proporções mais elevadas, cenário que vinha se configurando no primeiro trimestre do ano. Com essas ações, estimamos que evitamos, em Minas Gerais, a perda de 40,3 mil empregos e R\$ 3,3 bilhões em receitas tributárias, somente em 2019.

A economia brasileira teve um fraco desempenho na primeira metade do ano, influenciada, em grande medida, pelas incertezas políticas. A aprovação da reforma da Previdência foi muito relevante para a reversão desse quadro. Nesse *front*, prestamos apoio institucional ao governo federal, no sentido da aprovação da reforma, o que incluiu, entre outras ações, uma ampla campanha de comunicação, que mostrou à sociedade como é urgente modernizarmos o sistema previdenciário brasileiro – ou faríamos a reforma ou promoveríamos um desastre econômico e fiscal no país.

Para 2020, as expectativas para a economia são mais animadoras. Os principais indicadores de atividade começaram a dar sinais de recuperação no segundo semestre de 2019, amparados pela queda dos juros e pela recuperação, embora lenta, do mercado de trabalho. A percepção de confiança dos empresários também está aumentando, o que contribuirá para a retomada dos investimentos.

Em Minas Gerais, particularmente, há grande expectativa no sucesso do processo de revitalização das contas públicas, por meio do Plano de Recuperação Financeira apresentado pelo Governo do Estado à Assembleia Legislativa – o qual conta com integral apoio da FIEMG. Sua aprovação é condição para que o estado volte a atrair investimentos e gerar novos negócios.

A FIEMG e a indústria estão prontas para serem protagonistas nessa retomada do crescimento de Minas Gerais e do Brasil, sempre conectados aos anseios da sociedade. O desenvolvimento do setor está associado ao desenvolvimento do país e à melhora das condições de vida dos brasileiros. Com essa convicção, reiteramos o nosso empenho na conquista de um país e de um estado mais competitivo, socialmente justo e economicamente desenvolvido.

Flávio Roscoe Nogueira

Presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG)



SUMÁRIO



CENÁRIO INTERNACIONAL

<u>ESTADOS UNIDOS</u>	<u>5</u>
<u>ÁREA DO EURO</u>	<u>7</u>
<u>CHINA</u>	<u>9</u>
<u>AMÉRICA LATINA</u>	<u>11</u>



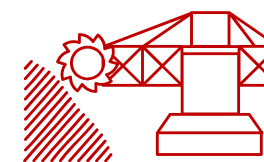
CENÁRIO BRASIL E MINAS

<u>ATIVIDADE ECONÔMICA</u>	<u>13</u>
<u>MERCADO DE TRABALHO</u>	<u>20</u>
<u>CRÉDITO</u>	<u>22</u>
<u>FINANÇAS PÚBLICAS</u>	<u>23</u>
<u>INFLAÇÃO E JUROS</u>	<u>24</u>
<u>SETOR EXTERNO</u>	<u>25</u>
<u>CONFIANÇA E EXPECTATIVAS</u>	<u>28</u>
<u>PROJEÇÕES</u>	<u>31</u>



ANÁLISE SETORIAL

<u>AUTOMOTIVO</u>	<u>32</u>
<u>MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS</u>	<u>33</u>
<u>CONSTRUÇÃO CIVIL</u>	<u>34</u>
<u>INDÚSTRIA EXTRATIVA</u>	<u>35</u>
<u>METALURGIA</u>	<u>36</u>



ANEXO ESPECIAL

<u>PARALISAÇÃO PARCIAL DO SETOR EXTRATIVO MINERAL</u>	<u>37</u>
---	-----------

SÍNTESE

A incerteza elevada influenciou negativamente a economia mundial em 2019, frustrando as estimativas iniciais de avanço de 3,7%. No último trimestre deste ano, o Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para baixo as projeções de crescimento do PIB dos principais países emergentes e desenvolvidos, levando as perspectivas de expansão do PIB mundial para 3,0% – a menor taxa desde a crise financeira de 2008.

Esse cenário resulta, em grande parte, da guerra comercial e tecnológica entre os EUA e a China, de conflitos geopolíticos, das indefinições referentes à saída do Reino Unido da União Europeia e das tensões políticas e sociais em Hong Kong e na América Latina.

Para 2020, o FMI projeta crescimento de 3,4% do PIB, a depender da melhora esperada para as economias brasileira, mexicana, russa e venezuelana, enquanto a China seguirá no processo de desaceleração econômica. Para as economias avançadas, o FMI espera mais um ano desanimador, com o PIB da Europa avançando em torno de 1,4% e a economia americana convivendo com a probabilidade de entrar em recessão.

ECONOMIA MUNDIAL	PIB 2018	3,6%
	PIB 2019 ^(e)	3,0%
	PIB 2020 ^(e)	3,4%

No Brasil, o ano de 2019 começou com perspectivas de crescimento do PIB ao redor de 2,5%, influenciadas pela agenda de reformas estruturais fundamentais para a recuperação da economia, entre elas, a da Previdência.

Contudo, o otimismo perdeu o ímpeto diante das incertezas relacionadas à natureza do governo Bolsonaro. O presidente venceu as eleições com o compromisso de não operar o sistema político segundo o livro-texto da “velha política”, o que colocava em risco a aprovação da reforma da Previdência.

A queda da confiança dos agentes econômicos, associada a um ambiente externo mais adverso e a um cenário doméstico marcado por elevado nível de desemprego e de ociosidade na indústria e no setor de serviços, explica, em grande parte, o fraco desempenho dos principais indicadores econômicos que prevaleceu no primeiro semestre do ano.



Esse quadro foi agravado pela queda da produção extrativa mineral, por sua vez explicada pelo rompimento de uma barragem de rejeitos de minério localizada em Brumadinho, Minas Gerais. No estado, os efeitos da contração da atividade extrativa mineral e a grave crise fiscal levaram as perspectivas do PIB mineiro de avanço de 3,3% para uma contração de 1,24% em 2019.

O destaque positivo é creditado à aprovação da reforma da Previdência e à queda da taxa de juros básica da economia (Selic), possibilitada pelas expectativas de inflação ancoradas abaixo do centro da meta estabelecida pelo Banco Central para 2019 e para 2020.

A queda dos juros e a recuperação (embora lenta) do mercado de trabalho têm contribuído para o crescimento do consumo, com reflexos positivos na atividade econômica, observados no segundo semestre do ano.

Para 2020, são esperados a continuidade do processo de recuperação do mercado de trabalho e novos cortes da taxa básica de juros, assim como a melhora da percepção de confiança de empresários e consumidores. O PIB brasileiro e mineiro tende a registrar crescimentos de 2,2% e 2,34%, respectivamente. A agenda de reformas (tributária e administrativa) tem o grande potencial de favorecer uma recuperação mais robusta da economia brasileira nos anos seguintes.



ESTADOS UNIDOS

PIB 2018 **2,9%**

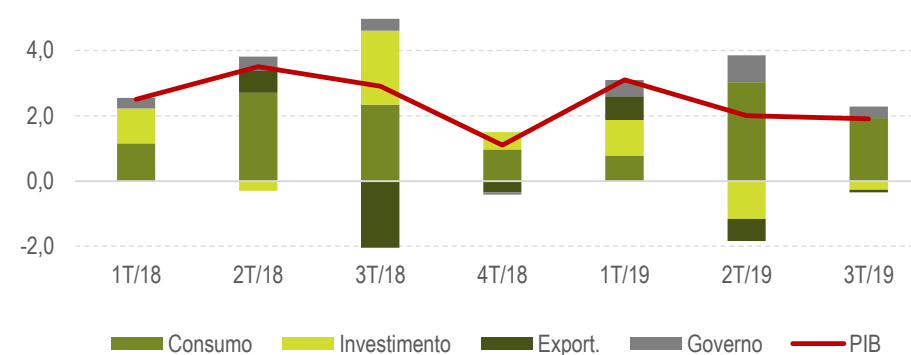
PIB 2019 (e) **2,4%**

PIB 2020 (e) **2,1%**

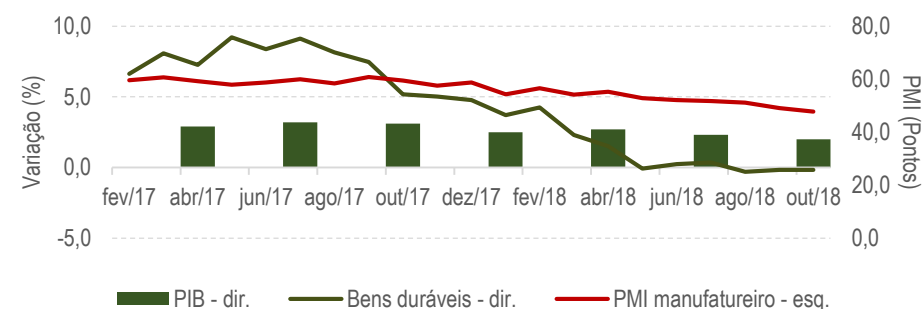
GERAÇÃO DE EMPREGOS E CONSUMO SÃO DESTAQUES POSITIVOS, MAS INVESTIMENTOS CAEM EM 2019

- Após registrar crescimento de 2,9% em 2018, a economia americana sinalizou arrefecimento na expansão da atividade econômica para 2019. As tensões comerciais com a China e a redução paulatina dos investimentos, observada a partir do último trimestre de 2018, corroboravam esse cenário.
- O consumo das famílias, principal motor do PIB americano, foi responsável por cerca de 80,0% do crescimento nos três primeiros trimestres de 2019, em linha com uma robusta geração de vagas de emprego. O consumo do governo teve participação de 23,9%. Por outro lado, as tensões comerciais impactaram o investimento (-4,9%) e as exportações líquidas (-0,4%), que contribuíram negativamente para o desempenho econômico do país.
- Até outubro de 2019, foram gerados 167 mil empregos na média mensal. Apesar do desempenho mais fraco em relação a 2018 (225 mil empregos), a taxa de desemprego foi a menor em 50 anos, registrando 3,6% – valor abaixo do nível de pleno emprego considerado pelo Banco Central (FED).

PIB e CONTRIBUIÇÕES (trim. contra trim., anualizado, em %)



PIB, BENS DURÁVEIS E PMI*



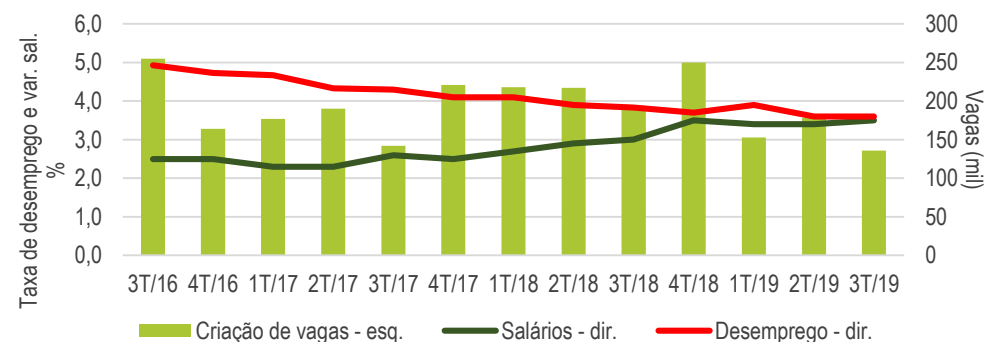


ESTADOS UNIDOS

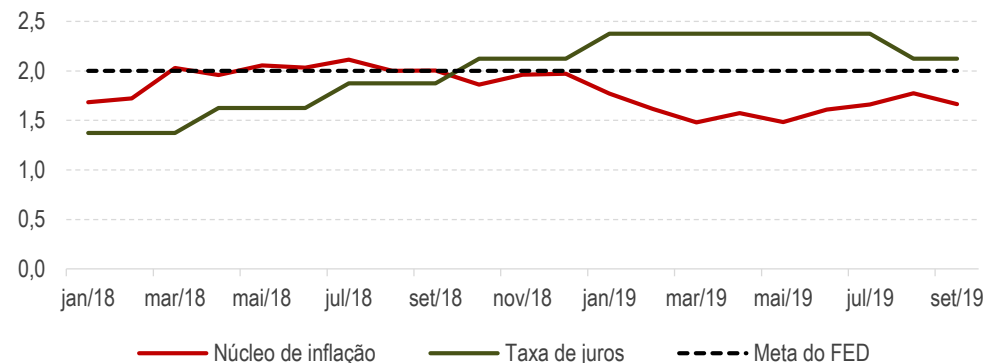


- Os bons números do mercado de trabalho sustentaram um crescimento médio de 3,4% nos salários, na comparação interanual. Esse avanço não impactou a inflação, cujo núcleo atingiu 1,6% em setembro, permanecendo abaixo da meta do FED, de 2,0%.
- Tendo em vista a ausência de pressões inflacionárias e as perspectivas de contração do investimento e da atividade industrial, com reflexos no mercado de trabalho e no consumo, o FED iniciou, em julho de 2019, um ciclo de três cortes de 0,25 pontos percentuais (p.p.) na taxa básica de juros. Para a última reunião do ano, o mercado espera manutenção da taxa básica no intervalo entre 1,75% e 2,00%.
- Para 2020, as expectativas são de continuidade da desaceleração da atividade econômica, abrindo espaço para a manutenção da política monetária expansionista. A possibilidade de um acordo comercial com a China continuará influenciando o cenário econômico dos EUA. Da mesma forma, as eleições presidenciais darão a tônica do cenário político.

CRIAÇÃO DE VAGAS, SALÁRIOS E DESEMPREGO



INFLAÇÃO E JUROS (%)





ÁREA DO EURO

PIB 2018 **1,9%**

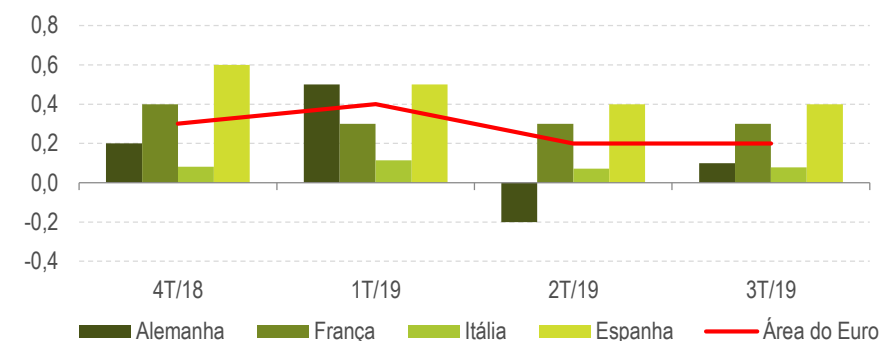
PIB 2019 (e) **1,2%**

PIB 2020 (e) **1,4%**

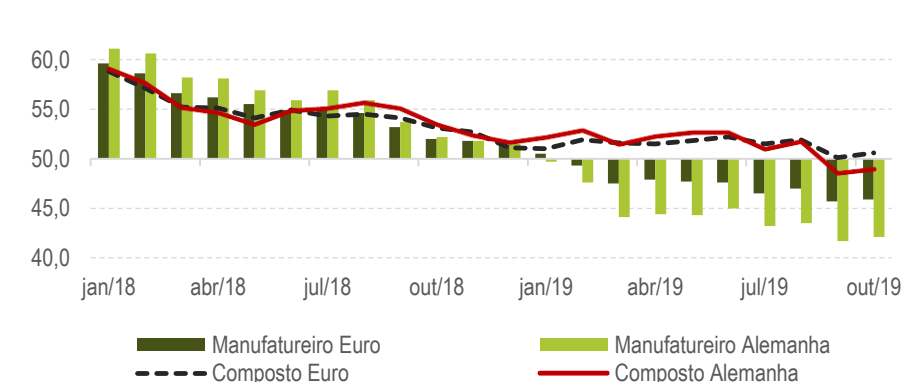
FRAQUEZA DA DEMANDA EXTERNA E TENSÕES GEOPOLÍTICAS INIBEM CRESCIMENTO DA ÁREA DO EURO

- Após crescer acima do esperado em 2017 (2,4%), a economia da Área do Euro registrou perda de ímpeto em 2018, quando avançou 1,9%. Para 2019, espera-se um aumento do PIB ainda menor, de 1,2%.
- A moderação econômica em 2019 foi sentida nas principais economias do bloco, com destaque para a Alemanha, que exibiu contração da atividade no segundo trimestre, em relação ao trimestre anterior (-0,2%). O recuo foi influenciado pela demanda externa mais fraca, reflexo das tensões comerciais entre a China e os Estados Unidos e das incertezas políticas em vários países. A fraqueza da indústria manufatureira, sobretudo da automobilística, em função dos ajustes na produção para os novos padrões de emissão de poluentes, também contribuiu para o resultado.
- Na Itália, a atividade econômica permaneceu estagnada ao longo de 2019, afetada pela fragilidade fiscal e pelas turbulências políticas locais. Por outro lado, na França, mesmo com as greves dos “coletes amarelos”, a expansão da atividade superou as expectativas e marcou crescimento de 0,3% no trimestre encerrado em setembro.

CRESCIMENTO NAS PRINCIPAIS ECONOMIAS (%)



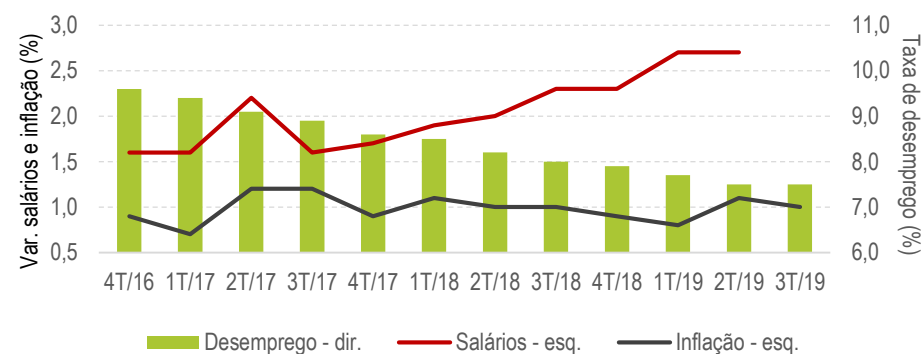
PMI ÁREA DO EURO (em pontos)



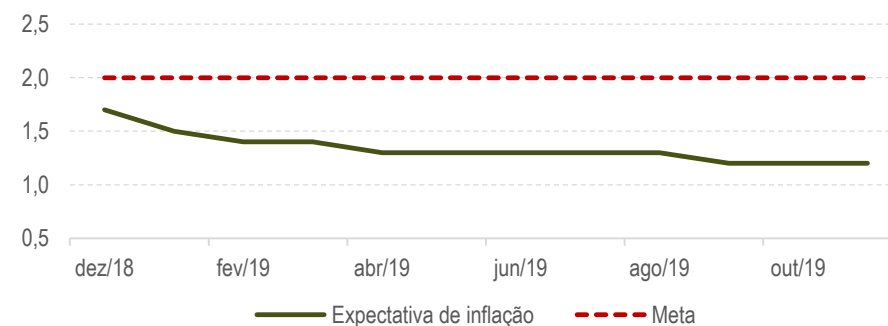
ÁREA DO EURO

- No mercado de trabalho, destaca-se a queda contínua da taxa de desemprego em 2019 (-0,5 p.p. em 12 meses), resultando na alta de 0,4 p.p. dos salários no mesmo período.
- Apesar de uma pequena elevação nos preços entre o primeiro e o segundo trimestres (de 0,8% para 1,1% na variação anual), o núcleo de inflação permaneceu bem abaixo da meta, de 2,0%. A permanência de uma inflação baixa permitiu ao Banco Central Europeu (BCE) reduzir a taxa básica de juros em 0,1 p.p. e manter a política de recompra de títulos públicos (*Quantitative Easing*), visando estimular a economia.
- Para 2020, a Área do Euro seguirá exposta a antigos e novos desafios. Dentre os primeiros, vale ressaltar a instabilidade fiscal da Itália e o Brexit. Quanto aos novos desafios, o fim do mandato da chanceler alemã, Angela Merkel, e a condução da política monetária do BCE, sob a gestão de Christine Lagarde, são destaques.
- A conjunção desses cenários já é apontada por alguns analistas como uma ameaça à coesão do bloco econômico, agravada pelo persistente ritmo de baixo crescimento econômico.

SALÁRIOS, INFLAÇÃO E DESEMPREGO NA ÁREA DO EURO



EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO DE LONGO PRAZO ESPERADA (%)





CHINA

PIB 2018 **6,6%**

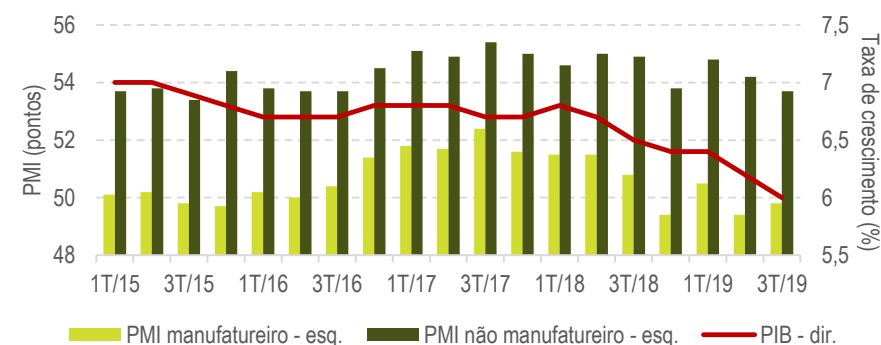
PIB 2019^(e) **6,1%**

PIB 2020^(e) **5,8%**

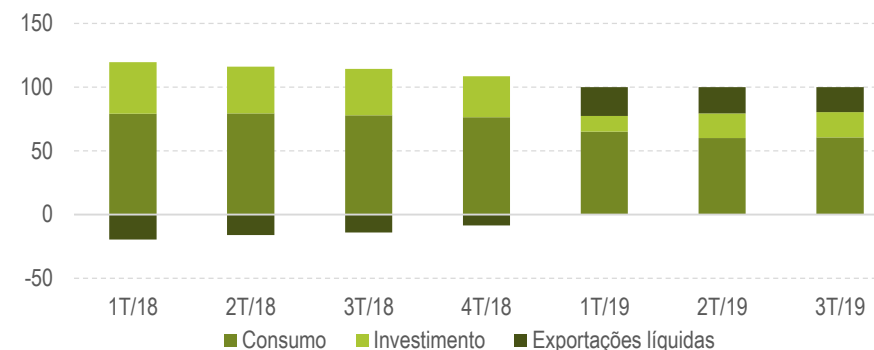
CRISE COMERCIAL COM OS ESTADOS UNIDOS MARCA A ECONOMIA CHINESA EM 2019

- O crescimento do PIB chinês passou de 6,8% (em 2017) para 6,6%, (em 2018) – o mais baixo em 28 anos. As expectativas para 2019 são de continuidade da perda de ímpeto, influenciada tanto pelas tensões comerciais com os Estados Unidos quanto pela política doméstica de redução de riscos financeiros.
- A expansão anualizada de 6,4% no primeiro trimestre veio em linha com o crescimento registrado no quarto trimestre de 2018. O saldo da balança comercial contribuiu positivamente para esse resultado, influenciado pela queda das importações (-7,6%) e alta das exportações (13,8%). Esse aumento foi resultado de uma antecipação das exportações, ante um possível aumento das tarifas por parte dos Estados Unidos.
- No terceiro trimestre, a expansão anualizada da atividade caiu 6,0%. Apesar das políticas de estímulo à demanda, os avanços da produção industrial (5,6%), do consumo (8,2%) e do investimento (5,4%) foram inferiores aos registrados em 2018 (6,4%, 9,3% e 6,3%, respectivamente).
- A fraqueza da demanda doméstica e as incertezas relacionadas à guerra comercial com os EUA contribuíram para a queda do PMI manufatureiro que, ao final do terceiro trimestre, atingiu 49,8 pontos, abaixo da linha de 50 pontos, indicando uma contração da atividade.

PMI E CRESCIMENTO NA CHINA



CONTRIBUIÇÃO AO PIB CHINÊS (%)



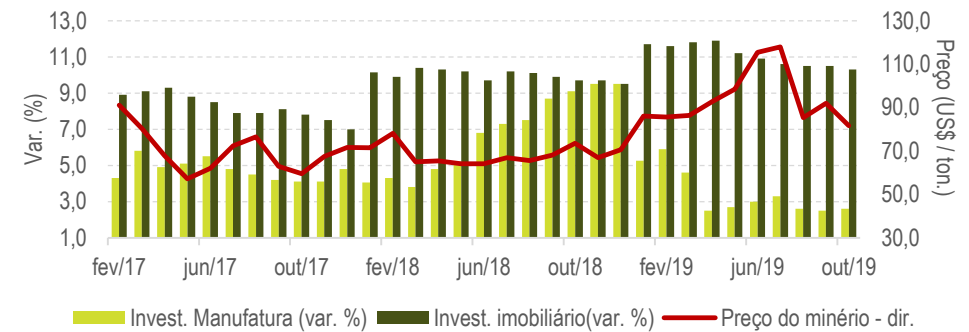


CHINA

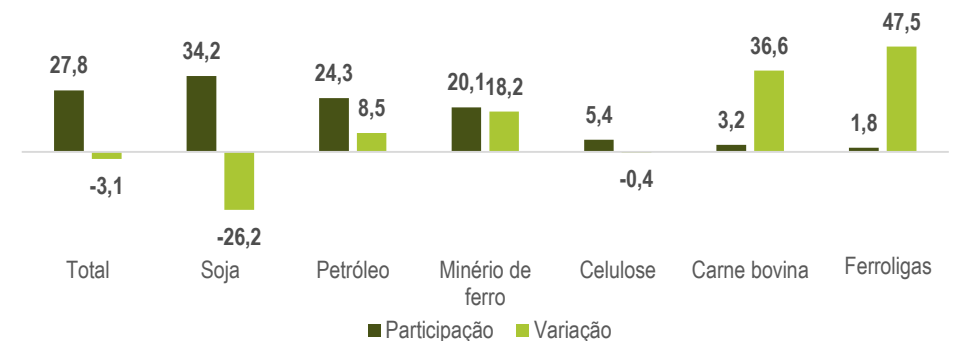


- As autoridades chinesas reagiram com novas medidas econômicas para estimular o crescimento da demanda interna. Dentre elas, está a permissão para uma maior emissão de títulos por parte dos governos locais, no intuito de impulsionar os investimentos em infraestrutura, e os cortes em impostos e taxa da contribuição da seguridade social, para incentivar a demanda das famílias e do setor corporativo.
- A China foi o destino de mais de um quarto das exportações brasileiras em 2019. Contudo, de janeiro a outubro, as exportações totais (em valor) caíram 3,1% em relação a igual período do ano anterior. Esse resultado pode ser atribuído à peste suína africana, que matou parte do rebanho de porcos chineses. Com isso, os embarques de soja, principal produto utilizado na alimentação dos animais, caíram 26,2% no período. As contribuições positivas vieram do petróleo e do minério de ferro, que registrou oscilações expressivas nos preços. Após o rompimento da Barragem I de Brumadinho, a cotação do minério de ferro chegou a acumular alta de 47,6% de janeiro a julho.
- Para 2020, a previsão é de redução gradual no ritmo de expansão da atividade econômica, com crescimento do PIB estimado em 5,8% no ano. A negociação em curso de um acordo comercial com os EUA e as tensões comerciais com aquele país ainda são pontos de atenção para as economias chinesa e global.

INVESTIMENTOS E PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO



PRODUTOS BRASILEIROS EXPORTADOS PARA A CHINA





TENSÕES POLÍTICAS IMPACTAM NEGATIVAMENTE O CRESCIMENTO ECONÔMICO DA REGIÃO

- A instabilidade política pela qual passa a América Latina é um dos grandes entraves ao crescimento econômico da região, que segue em ritmo lento, com previsão de alta no PIB de apenas 0,2% em 2019, contra 1,0% em 2018, de acordo com o FMI. Há um descontentamento crescente da população, influenciado pela precariedade econômica, política e social.
- Após a adoção de políticas de nacionalização do gás natural e do petróleo, a Bolívia registra crescimento anual médio de 5,0%, muito superior à média da região, o que tem contribuído para a redução da extrema pobreza (de 36,7% para 16,8% entre 2005 e 2015). Contudo, o país também convive com uma escalada de protestos e de violência, em função do conturbado processo eleitoral que elegeria Evo Morales a seu quarto mandato consecutivo. A situação resultou na renúncia de Morales e de seu vice, Álvaro García, compelidos pelas forças armadas do país. A então vice-presidente do Senado, Jeanine Áñez, se autodeclarou presidente, contando com o apoio dos militares.
- No Chile, a despeito da estabilidade macroeconômica (inflação, juros, desemprego e dívida pública em níveis baixos), o presidente Sebastián Piñera decretou estado de emergência em função de protestos que paralisaram o país. Há um acirramento crescente das tensões políticas, impactando negativamente o mercado financeiro e as previsões de crescimento da economia.
- No Peru, as tensões também são altas. Houve dissolução do parlamento pelo presidente Martín Vizcarra, que trava uma luta com a oposição fujimorista (maioria no Congresso) pela escolha dos magistrados do Tribunal Constitucional, responsável pelos julgamentos de casos de corrupção apontados pela operação Lava-Jato.
- O Equador também vivenciou manifestações massivas, lideradas pelos povos indígenas, contrários às políticas de austeridade fiscal que levaram ao fim de subsídios à gasolina, com conseqüente aumento de 123,0% no preço dos combustíveis. O presidente Lenín Moreno decretou estado de exceção e revogou a medida, atendendo aos apelos sociais. No entanto, com a dívida bruta alta, encontra-se em situação delicada para cumprir seus compromissos econômicos com o FMI.



AMÉRICA LATINA



- A Venezuela segue mergulhada em crise política, social e econômica. Ademais, convive com o sucateamento do sistema elétrico nacional, o que tem gerado inúmeros “apagões” no país, agravando ainda mais a situação interna e a imigração em massa para países vizinhos.
- O México vem lidando com ataques em represália às ações governamentais de combate ao tráfico de drogas. Por outro lado, apresenta certa estabilidade política e melhora dos indicadores econômicos, em relação às projeções de recessão para 2019. O crescimento do PIB está previsto para 0,5%, resultado da queda nos juros em conjunto com uma política fiscal expansionista.
- A Argentina voltou a eleger um governo kirchnerista, em manifestação ao descontentamento com a condução econômica de Mauricio Macri. Em seu governo, a inflação continuou subindo: de 24,8% (em 2017) para 47,6% (em 2018), com previsão de atingir 57,3% ao final de 2019. A situação do país segue bastante delicada com a declaração de moratória e suspensão da ajuda financeira do FMI. A desvalorização do peso, que chegou à marca de 60/dólar, também é preocupante. A recuperação da economia argentina é um grande desafio para o presidente eleito, Alberto Fernández.
- Diante de um cenário político e econômico recheado de incertezas, a América Latina tem afastado investimentos. O cenário externo mais adverso, pautado por menor crescimento e por tensões comerciais entre a China e os EUA, é mais um desafio a ser enfrentado pelos países da região.
- Como destaque positivo, vale citar o acordo de livre comércio assinado entre os blocos da União Europeia e o Mercosul. Para 2020, de acordo com o FMI, a América Latina deve registrar crescimento de 1,8%, puxado principalmente pelas expectativas de recuperação das economias brasileira e mexicana.

PAÍS	PIB (% ano)			
	2017	2018	2019 ^(e)	2020 ^(e)
América Latina e Caribe	1,2	1,0	0,2	1,8
Argentina	2,7	-2,5	-2,5	-1,5
Bolívia	4,2	4,2	3,9	3,8
Brasil	1,1	1,1	0,9	2,0
Chile	1,3	4,0	2,5	3,0
Equador	2,4	1,4	-0,5	0,5
México	2,0	2,0	0,4	1,3
Peru	2,5	4,0	2,6	3,6
Venezuela	-15,7	-18,0	-35,0	-10,0



PRODUTO INTERNO BRUTO BRASIL

CRESCIMENTO DO PIB VOLTA A DECEPCIONAR EM 2019

- A economia brasileira começou o ano em clima de euforia pós-eleitoral, refletido na expectativa de crescimento do PIB em torno de 2,5%. Contudo, o primeiro semestre do ano foi marcado por uma confluência de fatores negativos, dentre os quais estão o rompimento da Barragem I de Brumadinho, a elevada incerteza com relação à agenda de reformas, a desaceleração da economia global e a crise econômica na Argentina. Somados, esses fatores contribuíram para frustrar as expectativas iniciais de crescimento.
- O segundo semestre, porém, mostra uma leve recuperação da atividade econômica, impulsionada pela queda da taxa de juros e pelo aumento do consumo das famílias. Apesar disso, uma aceleração mais forte do consumo depende crucialmente da melhora no mercado de trabalho, que ainda é lenta e com elevado contingente de informais e desalentados, impedindo uma melhora mais acentuada na confiança do consumidor.
- A recuperação mais forte do investimento ainda parece improvável. Embora os juros mais baixos e a aprovação da reforma da Previdência tendam a influenciar positivamente a confiança dos empresários, há elevada ociosidade em muitos setores. Ademais, a demora da economia em engatar um ritmo mais forte de recuperação tende a adiar as decisões de investimento.
- O desempenho econômico do primeiro e segundo semestres levaram o consenso do mercado para uma expansão do PIB ao redor de 1,0% (em 2019) e de 2,3% (em 2020).

PIB (var. % acumulada no ano - até o segundo trimestre)

	EFETIVO			ESTIMATIVAS ANUAIS	
	2017*	2018*	2019*	2019 ^(e)	2020 ^(e)
OFERTA					
Agropecuária	16,6	-1,4	0,1	1,0	4,0
Indústria	-2,0	1,0	-0,4	0,1	2,5
Transformação	-0,5	2,7	0,0	0,5	2,2
Extrativa	7,6	-0,4	-6,3	-4,1	4,0
Construção	-9,9	-3,5	-0,1	0,1	2,3
SIUP	1,9	1,9	3,6	3,0	2,6
Serviços	-0,6	1,4	1,2	1,1	2,0
DEMANDA					
Consumo	-0,1	2,4	1,5	1,4	3,2
Governo	-1,3	0,2	-0,3	-0,1	0,9
Investimentos	-6,3	2,8	3,1	1,9	1,6
Exportações	2,1	1,0	1,4	2,8	5,6
Importações	3,0	3,9	9,4	2,6	7,4
PIB	0,4	1,1	0,7	1,0	2,3



PRODUTO INTERNO BRUTO MINAS GERAIS

PIB MINEIRO DEVE CAIR 1,24% EM 2019

- A economia mineira foi severamente impactada pelo rompimento da Barragem I de Brumadinho, apresentando resultado nulo na primeira metade do ano. A crise argentina também contribuiu para o fraco desempenho ao reduzir a produção e o faturamento dos setores industriais exportadores para aquele país. Por último, mas não menos importante, a elevada incerteza em relação à agenda de reformas estruturantes no estado e o alto nível de ociosidade dos fatores de produção inibiram os investimentos.
- Apesar das contribuições positivas do setor de produção de energia e dos sinais de recuperação da construção civil, o PIB industrial mineiro retrocedeu 2,0% no primeiro semestre. A queda de quase 30,0% da atividade extrativa mineral contribuiu para o desempenho negativo.
- O setor de serviços ficou praticamente estagnado no primeiro semestre, resultado que se estendeu até o terceiro trimestre. Por meio da contração do segmento de transportes, o setor foi um dos mais afetados pelas quedas da produção de minério de ferro no estado e da demanda da indústria geral.
- O resultado negativo do PIB mineiro no primeiro semestre (em média, -0,45% por trimestre), aliado à expectativa de retração da produção de café (principal cultura do estado), reforça a nossa expectativa de queda de 1,24% do PIB mineiro em 2019.
- Para 2020, é esperado um avanço no processo de reequilíbrio das contas públicas do estado, o que, juntamente com a queda da taxa de juros básicos e a observada melhora dos níveis de confiança dos empresários, tende a auxiliar na recuperação da economia mineira.

PIB MINAS GERAIS (var. % acumulada no ano) até o 2º trimestre

	2017*	2018*	2019*	
Agropecuária	6,6	2,7	4,0	
Indústria	-1,9	-1,0	-2,0	
Extr. Mineral	10,2	-8,0	-29,3	
Transformação	-1,0	1,9	1,2	
SIUP	-1,5	-5,6	7,3	
OFERTA	Construção Civil	-10,4	-1,9	2,1
Serviços	0,5	1,8	0,2	
Comércio	0,9	3,4	1,2	
Transporte	1,0	-2,5	-2,4	
Outros ¹	-0,7	2,2	-0,3	
Adm. Pública	-0,1	-0,4	0,2	
PIB	0,4	1,2	0,0	



PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASIL

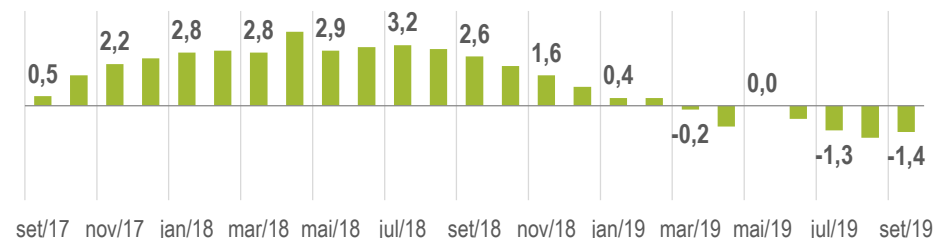
INDÚSTRIA GERAL

ACUMULADO ANO	-1,4%
ACUMULADO 12 MESES	-1,4%
2019 ^(e)	-0,7%
2020 ^(e)	2,3%

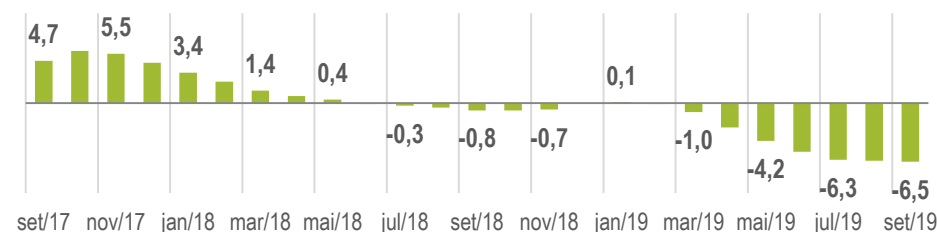
FRACO DESEMPENHO DOS SETORES DE ALIMENTAÇÃO E EXTRAÇÃO MINERAL PUXA A PRODUÇÃO PARA BAIXO

- A produção industrial brasileira exibiu fraco desempenho na maior parte de 2019. De janeiro a setembro, houve recuo de 1,4% frente ao mesmo período de 2018. Em 12 meses, a queda da produção também foi de 1,4%, em decorrência dos recuos nas indústrias extrativa (- 6,5%) e de transformação (- 0,6%).
- A produção da indústria extrativa nacional foi negativamente impactada pela paralisação parcial das atividades minerárias em Minas Gerais, em razão do rompimento da Barragem I de Brumadinho. Embora as atividades de extração de óleo e gás tenham ganhado tração em 2019, a produção acumulada no ano e em 12 meses não foi capaz de compensar as quedas de produção da extração mineral nos mesmos períodos.
- No acumulado em 12 meses, o resultado negativo da indústria de transformação foi puxado pela contração de 1,8% da produção de alimentos e de 0,3% da produção de petróleo e biocombustíveis. Juntos, os setores respondem por 24,2% das atividades manufatureiras do país. Por outro lado, o setor de veículos exibiu crescimento de 2,7% (de janeiro a setembro) e de 2,5% (no acumulado em 12 meses). O recuo das exportações de veículo, em função da crise na Argentina, foi parcialmente compensado pelo aumento das vendas no mercado interno.
- Nos meses de agosto e setembro, a atividade industrial brasileira passou a exibir maior dinamismo e sinais de reversão da tendência de queda da produção. Dessa forma, as projeções apontam para uma retração de 0,7% (em 2019) e avanço de 2,3% (em 2020).

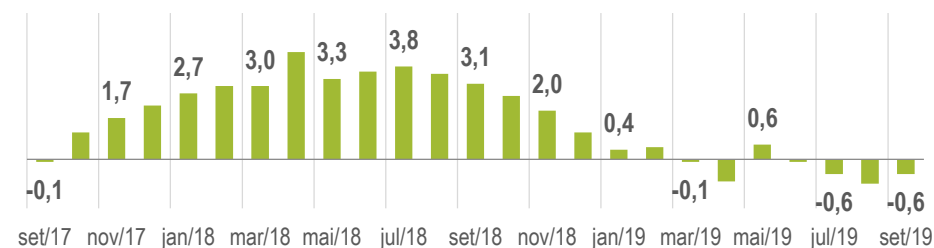
INDÚSTRIA GERAL (var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (var. % acumulada em 12 meses)





PRODUÇÃO INDUSTRIAL MINAS GERAIS

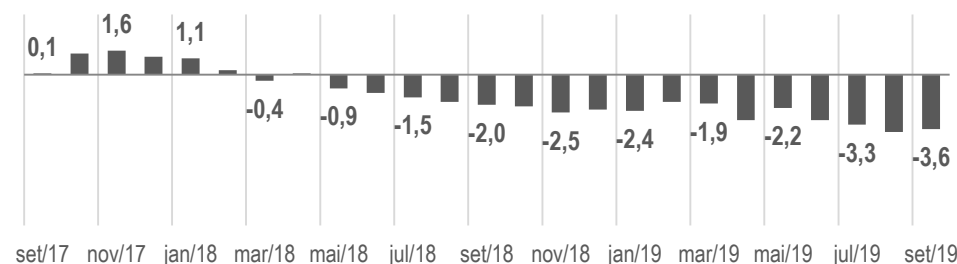
INDÚSTRIA GERAL

ACUMULADO NO ANO	-4,6%
ACUMULADO 12 MESES	-3,6%
2019 ^(e)	-5,0%
2020 ^(e)	3,2%

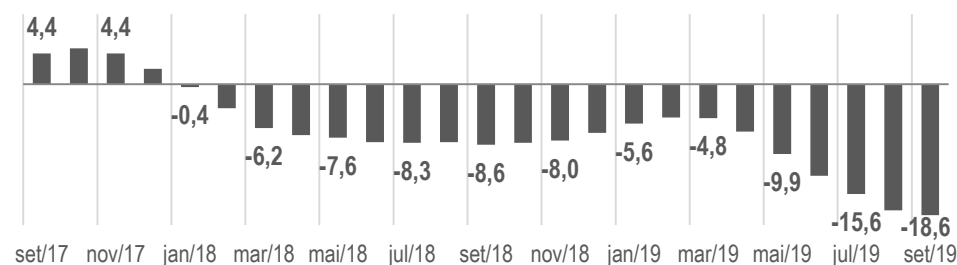
ROMPIMENTO DE BARRAGEM EM BRUMADINHO IMPACTA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA GERAL EM 2019

- A produção industrial mineira foi abalada pela paralisação parcial da produção extrativa mineral, decorrente do rompimento da Barragem I de Brumadinho. Responsável por aproximadamente 25,0% da atividade industrial do estado, a produção minerária acumulou queda de 24,6% de janeiro a setembro de 2019, na comparação com igual período de 2018. No acumulado em 12 meses até setembro, o recuo foi de 18,6%.
- Por outro lado, a indústria de transformação, responsável por 75,0% da atividade industrial do estado, cresceu no acumulado do ano (1,9%) e em 12 meses (1,3%). A maioria dos setores apresentou resultado positivo no acumulado do ano, merecendo destaque: alimentos (3,6%), metalurgia (1,5%), máquinas e equipamentos (8,4%) e veículos (4,6%). Juntos, esses setores têm peso de 56,0% na produção da indústria geral de Minas Gerais.
- A produção da indústria mineira mostrou retração de 4,6% no acumulado do ano e de 3,6% em 12 meses até setembro, como resultado da forte retração da indústria extrativa e do modesto crescimento da indústria de transformação.
- A perspectiva, porém, é de melhora na atividade industrial do estado, com a retomada das atividades em algumas minas da Vale e o retorno das operações da Samarco, em Mariana. É esperado, ainda, um maior dinamismo da indústria de transformação, puxado pelos setores automobilístico e de alimentos, que têm se beneficiado do cenário dos juros baixos para impulsionar as vendas internas.

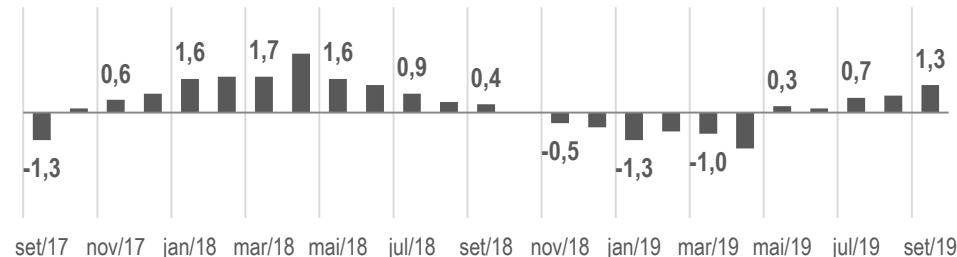
INDÚSTRIA GERAL (var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA EXTRATIVA (var. % acumulada em 12 meses)



INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (var. % acumulada em 12 meses)





FATURAMENTO

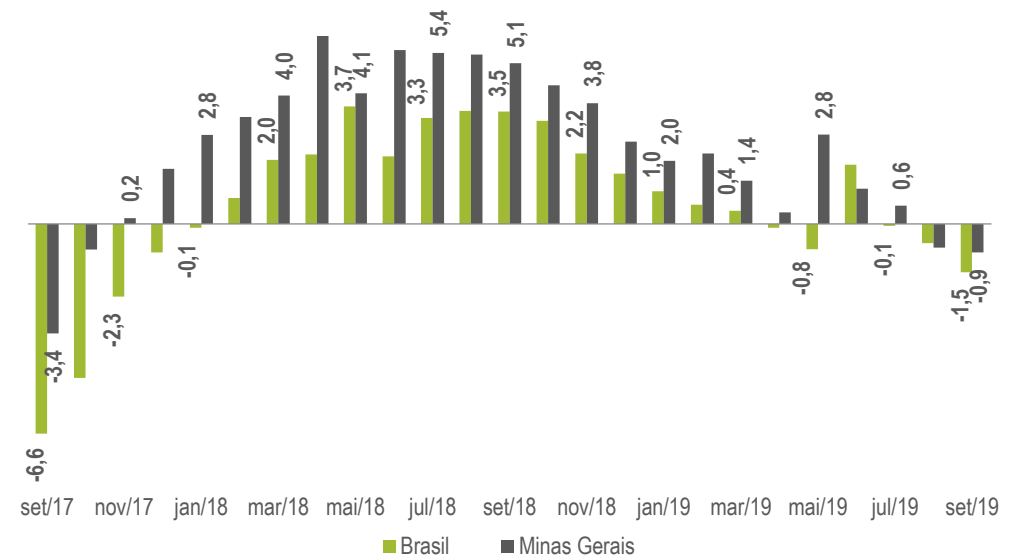
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

	BRASIL	MINAS GERAIS
2017	-0,1%	1,7%
2018	1,0%	2,6%
JAN A SET/19	-1,7%	-0,7%
ACUMULADO 12 MESES	-1,6%	-0,9%

FATURAMENTO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO APRESENTA LEVE QUEDA

- O fraco desempenho da economia brasileira, as incertezas políticas que pautaram o início de 2019 e o cenário externo adverso influenciaram a leve retração do faturamento da indústria de transformação no Brasil e em Minas Gerais.
- De janeiro a setembro, o recuo do faturamento da indústria de transformação brasileira foi de 1,7%, em contraste com o aumento de 1,0% no mesmo período de 2018. Os setores que apresentaram queda foram: coque, derivados de petróleo e biocombustíveis (-14,3%); produtos têxteis (-6,1%); produtos alimentícios (-5,5%); celulose, papel e produtos de papel (-5,5%) e máquinas e equipamentos (-2,8%). Nos setores de metalurgia e de veículos automotores, houve crescimentos de 2,6% e 6,5%, respectivamente.
- Em Minas Gerais, no acumulado do ano até setembro, houve contração de 0,7% no faturamento. No mesmo período de 2018, o indicador cresceu 2,6%.

FATURAMENTO REAL DA IND. TRANSFORMAÇÃO (var. % acumulada em 12 meses)





SERVIÇOS

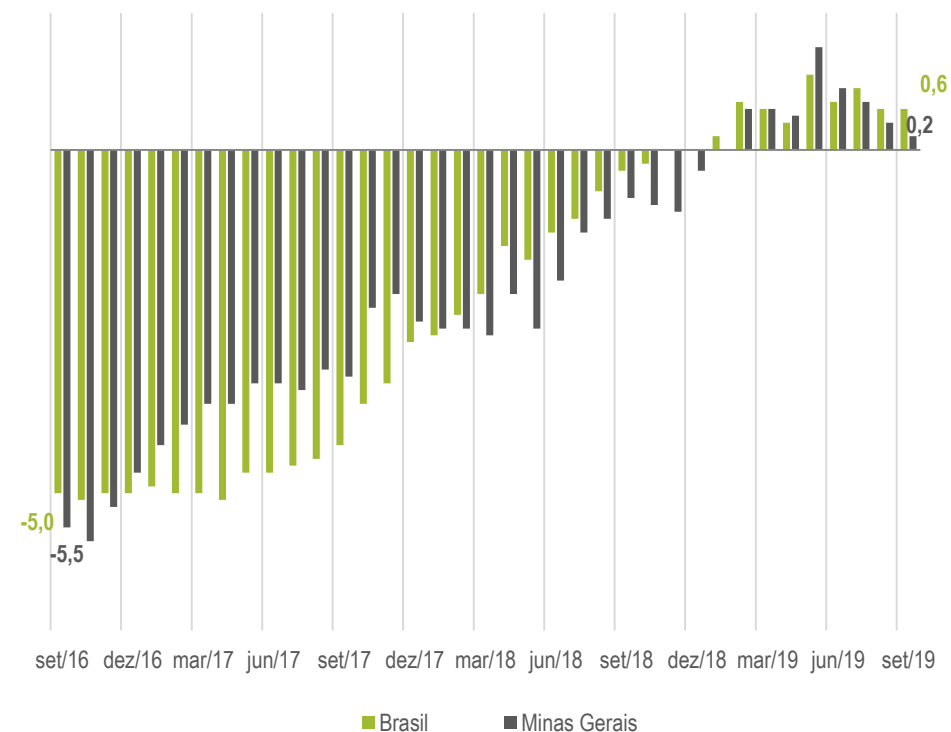
VOLUME DE SERVIÇOS

	BRASIL	MINAS GERAIS
ACUMULADO ANO*	0,6%	0,1%
ACUMULADO 12 MESES*	0,7%	0,2%

SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS PUXAM RECUPERAÇÃO DO SETOR NO BRASIL

- De janeiro a setembro de 2019, o crescimento do setor de serviços foi de 0,6% (no Brasil) e de 0,1% (em Minas Gerais).
- No país, o resultado foi influenciado pela recuperação gradual do mercado de trabalho e pela inflação em patamar abaixo da meta estabelecida pelo Banco Central. Os destaques positivos foram os segmentos de outros serviços (4,6%) e de serviços prestados às famílias (3,4%). Por outro lado, o destaque negativo foi o segmento de transporte, serviços auxiliares de transportes e correios (-2,0%), com tendência baixista desde a greve dos caminhoneiros, ocorrida em maio de 2018.
- Em Minas Gerais, o crescimento foi explicado pelos segmentos de outros serviços (20,7%) e de serviços profissionais, administrativos e complementares (4,0%). Em contrapartida, os segmentos de transporte, serviços auxiliares de transportes e correios (-6,0%) e de serviços prestados às famílias (-0,3%) tiveram resultado aquém do observado no país, contribuindo para um crescimento menor do setor de serviços no estado.
- Para 2020, a retomada gradual da economia, a continuidade do processo de recuperação do mercado de trabalho, a inflação com trajetória benigna e os juros em queda, sustentam as perspectivas de crescimento de 2,0% no setor de serviços do Brasil.

VOLUME DE SERVIÇOS (var. % acumulada em 12 meses)





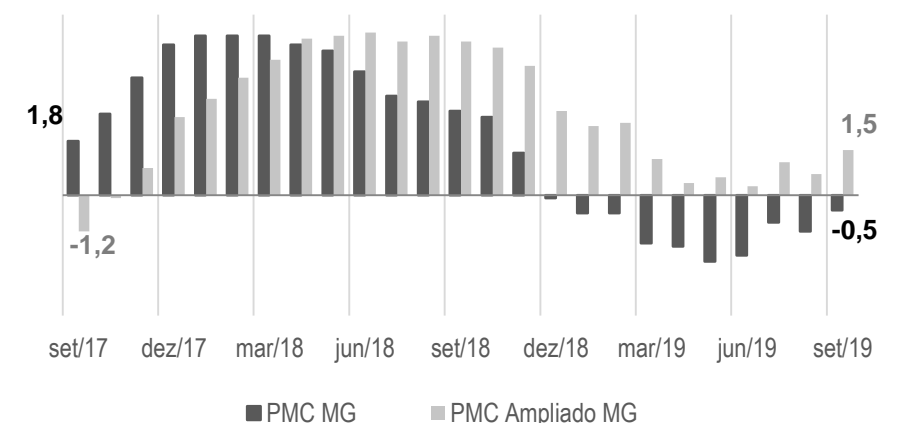
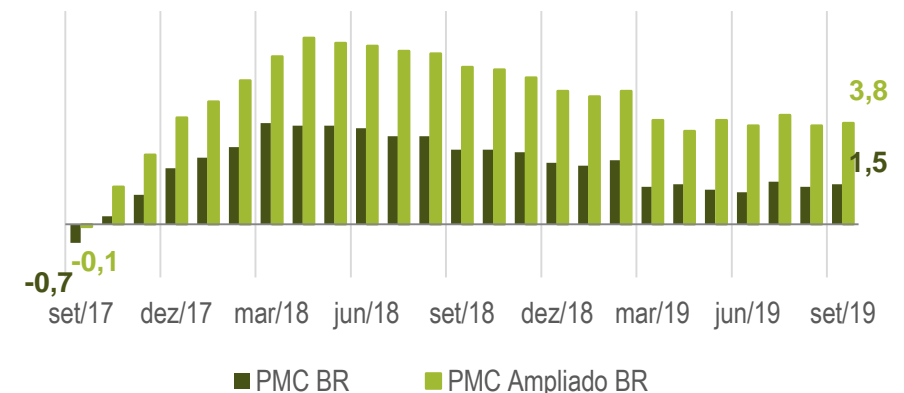
VENDAS NO VAREJO

	BRASIL	MINAS GERAIS
RESTRITO (Acumulado Ano)*	1,3%	0,2%
AMPLIADO (Acumulado Ano)*	3,6%	1,8%
RESTRITO (Acumulado 12 meses)*	1,5%	-0,5%
AMPLIADO (Acumulado 12 meses)*	3,8%	1,5%

COMÉRCIO VAREJISTA TEM DESEMPENHO POSITIVO NO BRASIL

- De janeiro a setembro de 2019, as vendas do varejo brasileiro apresentaram um bom desempenho, tanto no segmento restrito quanto no ampliado (inclui as vendas de veículos automotores e de material de construção). Entretanto, os resultados ainda ficaram distantes dos níveis anteriores à crise.
- O ritmo de crescimento das vendas no varejo brasileiro esteve em consonância com a melhora das condições econômicas, sendo puxado principalmente pelos segmentos mais dependentes de crédito, em função do ciclo de queda da taxa de juros e da melhora das condições de crédito. Alguns segmentos do varejo, por outro lado, ainda convivem com uma maior dificuldade de recuperação, em função do elevado nível de desemprego.
- Em Minas Gerais, as vendas do varejo vêm mostrando uma performance inferior à nacional desde o final de 2018. O crescimento das vendas do varejo ficou muito aquém das expectativas ao apresentar estagnação de janeiro a setembro. Contudo, o varejo ampliado mostrou leve alta de 1,8% no período. Parte do fraco desempenho do comércio mineiro foi explicado pelos efeitos da queda das atividades de extração mineral no estado.
- Para o resto do ano e para 2020, espera-se uma melhora acentuada no varejo, que passa, por um lado, pela recuperação do mercado de trabalho e da confiança, tanto dos empresários quanto dos consumidores, e, por outro lado, por inflação abaixo do piso da meta, juros em queda, maior oferta de crédito e liberação de recursos extras do FGTS.

VOLUME DE VENDAS NO COMÉRCIO² (var. % acumulada em 12 meses)





EMPREGO

GERAÇÃO DE EMPREGOS ACELERA EM 2019, MAS TAXA DE DESEMPREGO SEGUE ELEVADA

- Nos 12 meses encerrados em outubro de 2019, houve geração líquida de 562 mil vagas formais no Brasil, acima das 471 mil vagas criadas no mesmo período de 2018. Desse total, o setor de serviços contribuiu com 359 mil vagas e a indústria, com 66 mil.
- No mesmo período, houve a criação de 84 mil postos formais de trabalho em Minas Gerais, sendo 46 mil no setor de serviços e 31 mil na indústria. Dentre os segmentos da indústria estadual, destacaram-se positivamente: construção civil (19 mil vagas) – puxada pela atividade de obras de infraestrutura (9 mil vagas) –, alimentos (5 mil vagas) e manutenção e instalação de máquinas (2 mil vagas).
- No Brasil, embora a geração de vagas formais esteja acelerando, a taxa de desemprego recuou pouco, passando de 11,9% para 11,8% no terceiro trimestre, frente a igual trimestre de 2018. Em Minas Gerais, no mesmo período, a taxa avançou de 9,7% para 9,9%.
- Ainda que a criação de vagas venha registrando resultados mensais acima das expectativas do mercado, a taxa de desemprego vem se mantendo estável, devido à desaceleração moderada do mercado de trabalho informal.

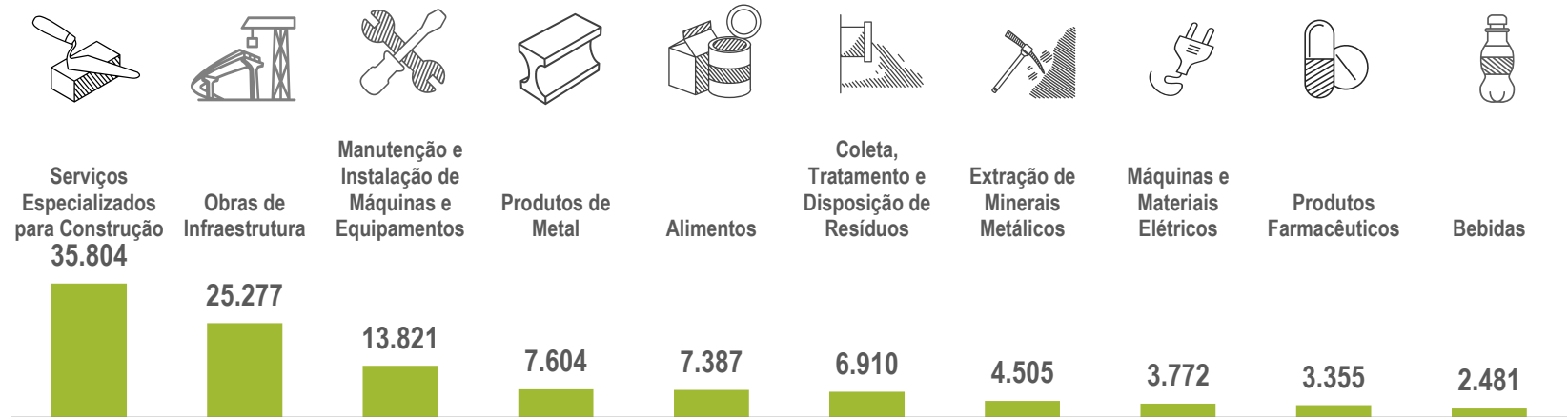
- A redução das incertezas e o aumento dos níveis de confiança dos empresários sinalizam o prosseguimento da recuperação gradual do mercado de trabalho em 2020. Contudo, o ritmo de retomada dependerá da continuidade das reformas econômicas.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO TRIMESTRAL (%)¹



SALDO DO EMPREGO INDUSTRIAL

DESTAQUES SETORIAIS
(SALDO ACUMULADO 12 MESES – até out/19)*





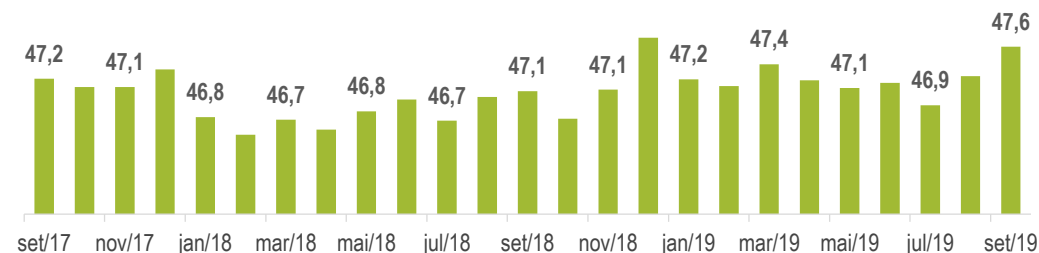
CRÉDITO

CRÉDITO APRESENTA RECUPERAÇÃO MODERADA EM 2019

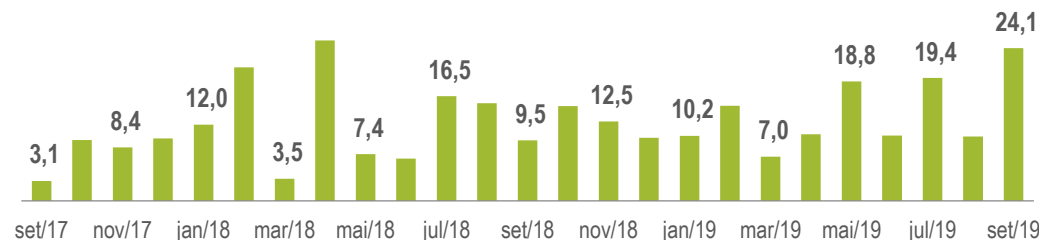
- A redução da taxa básica de juros da economia brasileira favoreceu a contínua recuperação do mercado de crédito no Brasil. De acordo com o Banco Central, em setembro de 2019, a relação crédito/PIB marcou 47,6%, 0,5 ponto percentual (p.p.) a mais do que em setembro de 2018.
- De janeiro a setembro, a carteira de crédito para pessoa física (PF) aumentou 10,0%, determinando a expansão de 5,4% do volume de crédito no Brasil. A carteira de pessoa jurídica (PJ) manteve-se estável no período.
- O saldo de crédito para PJ ficou estável. O crédito direcionado teve redução de 10,3% do saldo, explicado, em grande parte, pelo recuo das operações do BNDES (-10,8%) e do crédito rural (-17,2%). Por outro lado, o saldo das operações com recursos livres cresceu 9,5%, puxado pelas operações de financiamento de veículos (70,3%) e de desconto de duplicatas (31,0%).
- No período, as taxas de inadimplência permaneceram relativamente estáveis, em 3,0%, com ligeiro recuo de 0,1 p.p. na carteira de PJ e aumento de 0,2 p.p. na carteira de PF.
- O desempenho visto ao longo de 2019 sugere que as concessões de crédito devem continuar aumentando em 2020. A velocidade de crescimento das concessões deverá estar relacionada com a redução da taxa Selic, que, de acordo com o Boletim Focus¹, deverá sair dos atuais 5,00% a.a. para 4,25% a.a. no final de 2020.

Fonte: Banco Central do Brasil. ¹ Boletim Focus (14/11/2019)

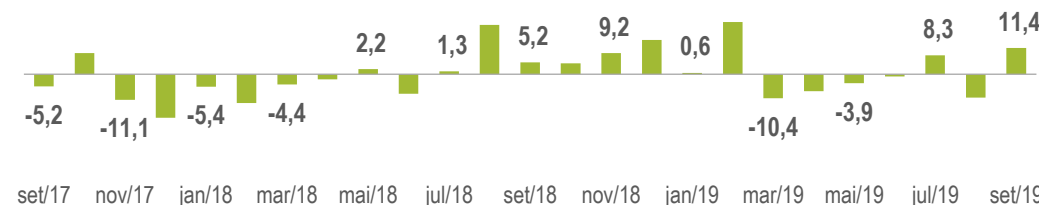
CRÉDITO EM RELAÇÃO AO PIB (%)



CONCESSÕES - RECURSOS LIVRES (T/T-12)



CONCESSÕES - RECURSOS DIRECIONADOS (T/T-12)





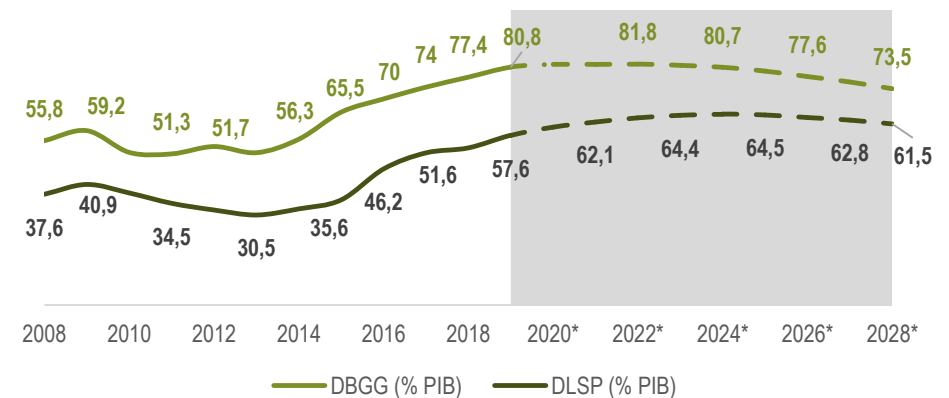
FINANÇAS PÚBLICAS

REFORMA DA PREVIDÊNCIA É DESTAQUE EM 2019

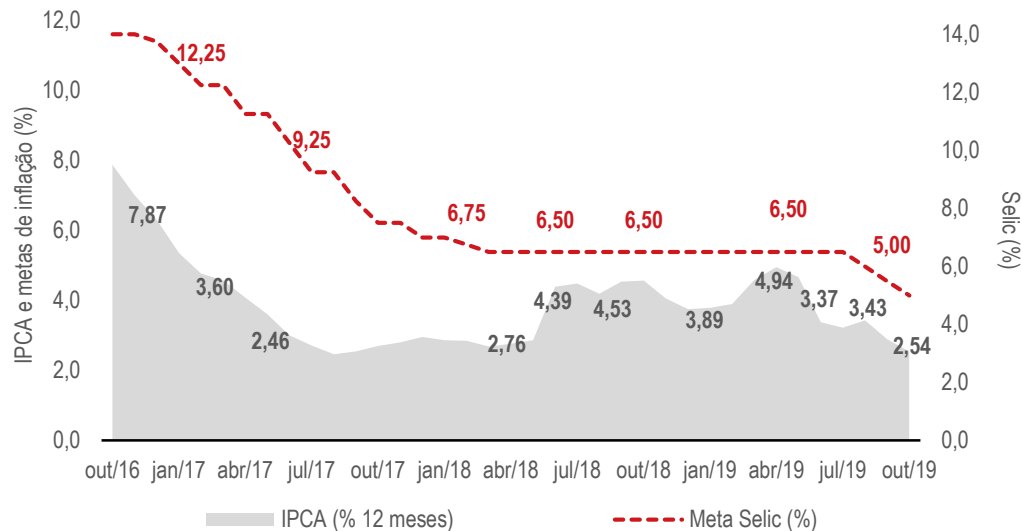
- A reforma da Previdência foi o destaque do ano entre as medidas de reequilíbrio das finanças públicas. Em conjunto com o Novo Regime Fiscal (aprovado em 2016), que limita o crescimento da despesa à inflação, espera-se uma redução do déficit primário consolidado de R\$ 800 bilhões em até 10 anos.
- O setor público consolidado registrou déficits primários decrescentes em 2019. Dessa forma, estima-se que a meta de déficit primário, de R\$ 139 bilhões, seja cumprida com folga.
- O déficit primário acumulado em 12 meses, até setembro, foi de R\$ 91,4 bilhões, o equivalente a 1,24% do PIB. No mesmo período do ano passado, o resultado foi negativo em R\$ 87,8 bilhões.
- No acumulado do ano até setembro, o principal responsável pelo déficit primário consolidado foi o Governo Central (R\$ 102,8 bilhões), em especial a conta INSS, com R\$ 205,3 bilhões de déficit. O resultado negativo foi atenuado pelo superávit dos governos regionais (R\$ 9,2 bilhões) e das estatais (R\$ 2,2 bilhões).
- O resultado nominal, que engloba despesas com juros, caiu para 6,39% do PIB em setembro, em comparação a 7,24% no mesmo mês de 2018, contribuindo para frear o avanço da dívida bruta em 2019.

- O governo também tem buscado conter gastos obrigatórios para reduzir o desequilíbrio fiscal. Uma medida de ajuste fiscal anunciada pelo governo será a correção dos salários mínimo e do funcionalismo público apenas pela inflação, com exceção dos militares.

EVOLUÇÃO DA DÍVIDA PÚBLICA/PIB



INFLAÇÃO E JUROS



INFLAÇÃO ACUMULADA SEGUE ABAIXO DA META

- A variação do IPCA de janeiro a outubro foi de 2,60%. No mesmo período de 2018, a inflação foi de 4,56%. Essa desaceleração inflacionária trouxe os preços para níveis confortáveis, tendo em vista que o centro da meta é de 4,25% a.a.
- Em 2019, a variação no nível de preços foi impactada por dois fatores. De um lado, o cenário externo favorável às economias emergentes, com desaceleração da economia global e políticas monetárias estimulativas. Por outro lado, a conjuntura doméstica, com grande nível de ociosidade, taxa de desemprego elevada e expectativas de inflação ancoradas e abaixo da meta.
- Adicionalmente, o encaminhamento das reformas estruturais, em especial a da Previdência, contribuiu para um horizonte de sustentabilidade da

GRUPOS DO IPCA (Out/19)	Acumulado no ano (%)	Acumulado em 12 meses (%)
Índice Geral	2,60	2,54
Alimentação e Bebidas	2,15	3,00
Habituação	4,02	3,12
Artigos de Residência	0,46	1,52
Vestuário	0,39	1,10
Transporte	1,71	0,41
Saúde e Cuidados Pessoais	4,75	4,34
Despesas Pessoais	2,45	3,11
Educação	4,47	4,73
Comunicação	0,44	0,38

trajetória fiscal, possibilitando o ciclo de afrouxamento monetário.

- O comportamento benigno da inflação, com expectativas abaixo do centro da meta para 2019 (3,30%), 2020 (3,60%), 2021 (3,75%) e 2022 (3,50%), aliado à conjuntura doméstica, ao cenário externo ainda favorável às economias emergentes e a um balanço de pagamentos robusto, prescreve política monetária expansionista também ao longo de 2020.
- A taxa Selic deve ser reduzida em 0,50 p.p., passando dos atuais 5,00% a.a. para 4,50% a.a., em dezembro em 2019. A prevalecer o cenário acima descrito, há possibilidade de manutenção do ciclo de redução da taxa de juros, que pode chegar a 3,75% a.a. em 2020.

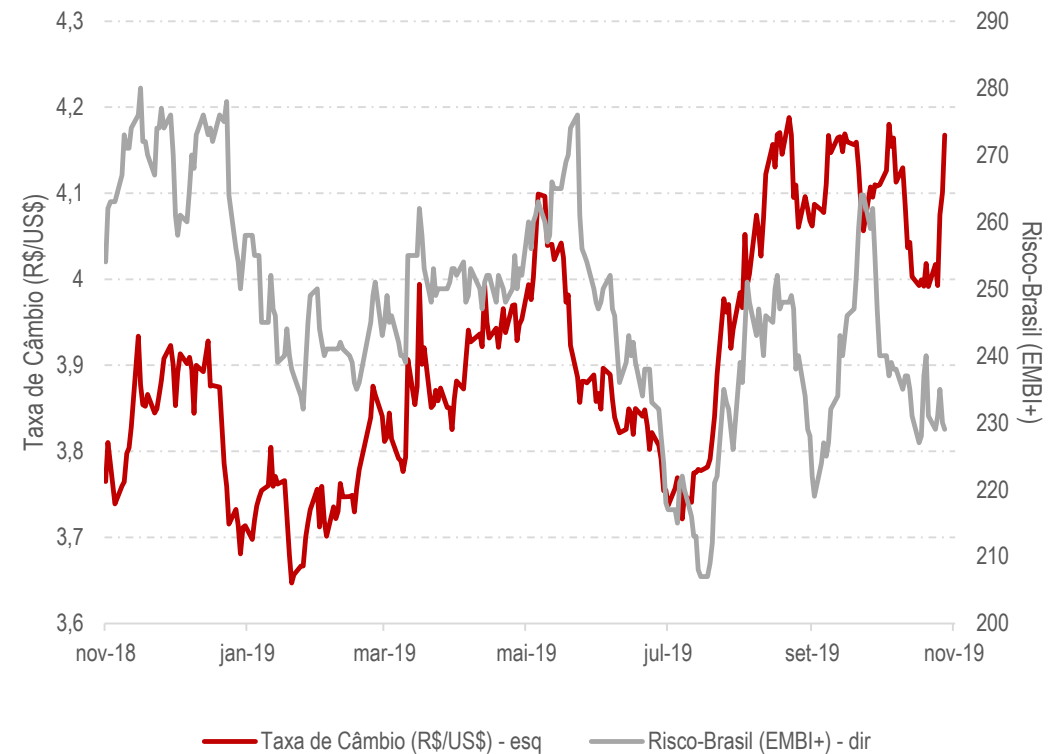


CÂMBIO

FATORES EXTERNOS E INTERNOS PROVOCAM FORTE OSCILAÇÃO DO REAL EM 2019

- Na maior parte do ano de 2019, a desvalorização do real frente ao dólar deu-se por fatores domésticos e externos. No *front* externo, o acirramento da guerra comercial entre EUA e China e a redução do nível de crescimento das economias desenvolvidas reduziram o apetite por ativos de países emergentes. No cenário interno, a insegurança quanto à aprovação da reforma da Previdência e a incapacidade do governo de equacionar o déficit público também provocaram a desvalorização do real.
- Em 2020, os riscos associados ao câmbio estão atrelados a uma desaceleração mais acentuada das principais economias globais e à intensificação da guerra comercial entre EUA e China, podendo gerar nova onda de aversão do fluxo de capitais aos países emergentes e pressionar o real. Internamente, a redução do diferencial de juros pode exercer maior impacto sobre o real do que já ocorreu no passado, ainda que atenuado pelo nível de preços e pela perspectiva de maior crescimento da economia brasileira. A expectativa é que a taxa de câmbio gire em torno de R\$ 4,15 no próximo ano.

CÂMBIO (R\$/US\$) E RISCO-PAÍS (EMBI+) - diário



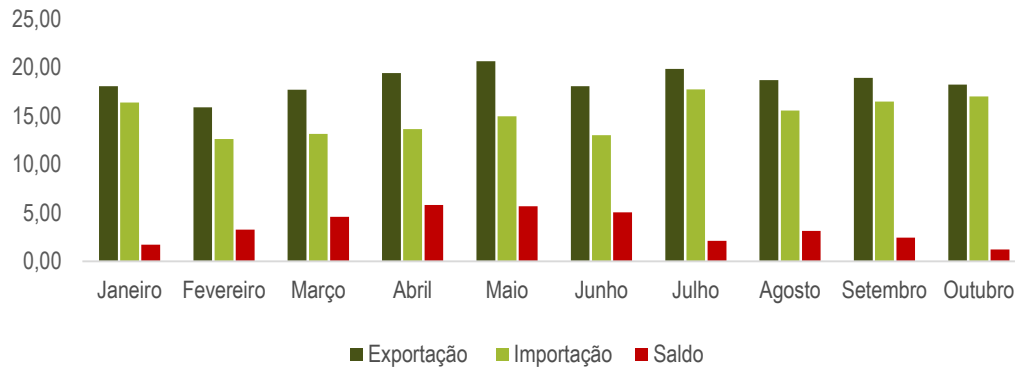


BALANÇA COMERCIAL BRASIL

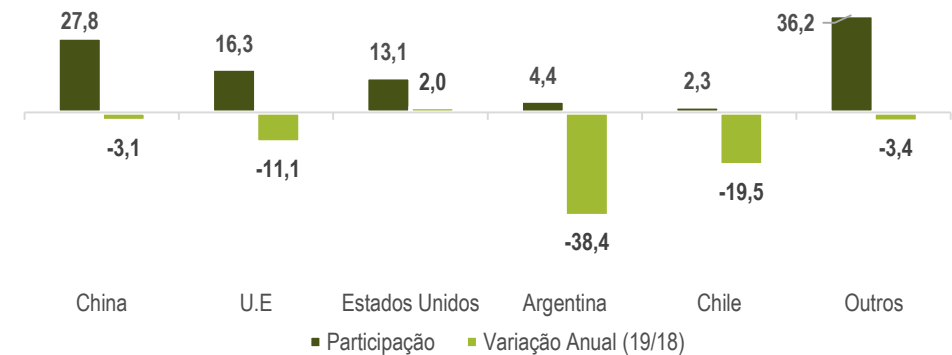
US\$ BILHÕES

	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
OUT/19	18,2	17,0	1,2
OUT/18	21,9	16,1	5,8
ACUMULADO 2019*	185,5	150,6	34,9
ACUMULADO 2018*	199,0	151,5	47,5

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (US\$ bilhões)



PRINCIPAIS DESTINOS (participação e variação – em %)



QUEDA DAS EXPORTAÇÕES REDUZ SALDO COMERCIAL EM 2019

- De janeiro a outubro, as exportações brasileiras se reduziram em 8,6% (na média, por dia útil) em relação a igual período de 2018, enquanto as importações caíram apenas 2,0%, o que resultou no recuo de 26,4% do saldo comercial.
- A queda nas importações foi decorrente da alta do dólar e da menor demanda interna, em função da lenta retomada do crescimento econômico brasileiro.
- A redução das exportações foi reflexo do aprofundamento da crise argentina e da demanda global mais fraca, atribuída à desaceleração da

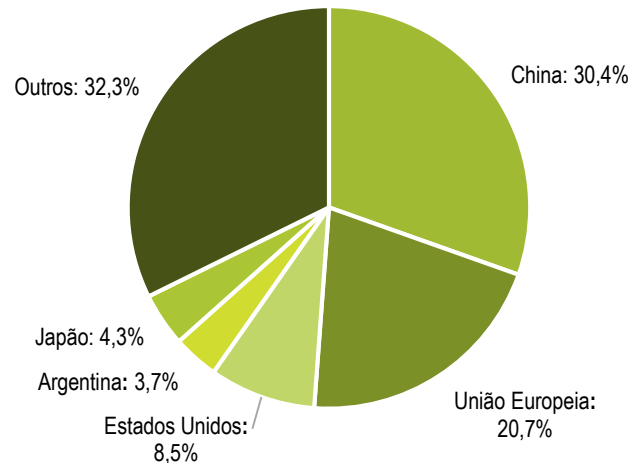
atividade econômica mundial e às incertezas geradas pelas tensões comerciais entre China e Estados Unidos.

- A China manteve-se como principal compradora de produtos brasileiros, sendo destino de 27,8% das exportações. Apesar disso, as vendas para o país caíram 3,1% no ano. As exportações de soja, principal produto comercializado, recuaram 26,2%. A menor demanda chinesa por esse produto foi reflexo da gripe suína africana, que reduziu o rebanho de porco, cujo principal alimento é a soja. Por outro lado, as vendas de produtos alimentícios e de petróleo e derivados cresceram 37,8% e 8,5%, respectivamente.

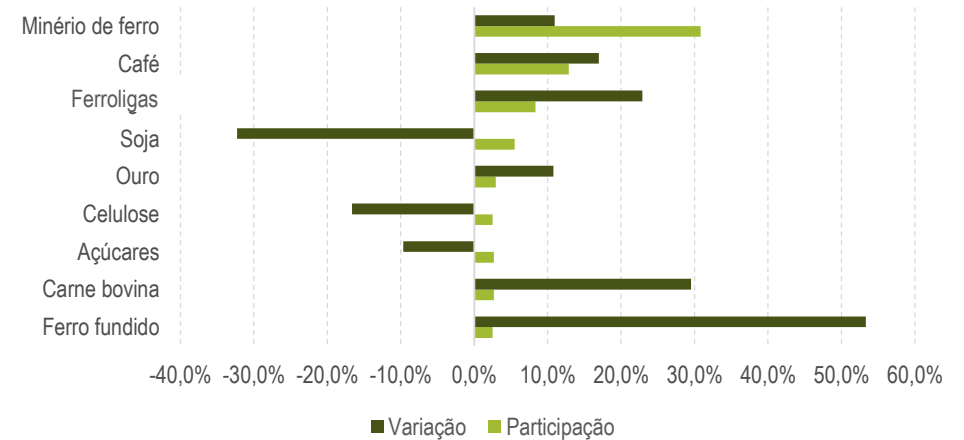


EXPORTAÇÕES MINAS GERAIS

EXPORTAÇÕES POR PAÍS (participação – em %)*



EXPORTAÇÕES POR PRODUTO (participação e variação – em %)*



OSCILAÇÕES NOS PREÇOS DO MINÉRIO DE FERRO EXPLICAM O CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES NO ANO

- No acumulado do ano até outubro, as exportações mineiras somaram US\$ 20,7 bilhões, valor 4,1% superior ao do mesmo período de 2018. Esse resultado deveu-se principalmente à alta nas exportações de minério de ferro (11,0%), influenciada pelas grandes oscilações no preço do produto, após o rompimento da Barragem I de Brumadinho. As vendas de café (17,0%) e ferroliga (22,9%) também contribuíram positivamente. Por outro lado, houve queda na venda de soja (-32,3%), celulose (-16,6%) e açúcares (-9,7%).
- A China foi destino de 30,0% das vendas externas mineiras em 2019, com avanço de 9,1% dos embarques ao país. Além das exportações de minério de ferro, contribuiu para o resultado a alta das exportações de ferroliga, que cresceu 4,9 vezes em volume, na comparação com 2018. Por outro

lado, no ano, os embarques de soja caíram 31,5%, devido à queda na demanda de ração para porcos.

- A alta das exportações de café foi explicada pelo crescimento de 37,0% do volume exportado, de janeiro a outubro, uma vez que o preço médio do produto caiu 20,4% no período.
- Como resultado direto da crise argentina, as vendas para o país registraram queda de 39,6% no acumulado do ano, explicada, em parte, pela contração de 50,6% das exportações de automóveis.

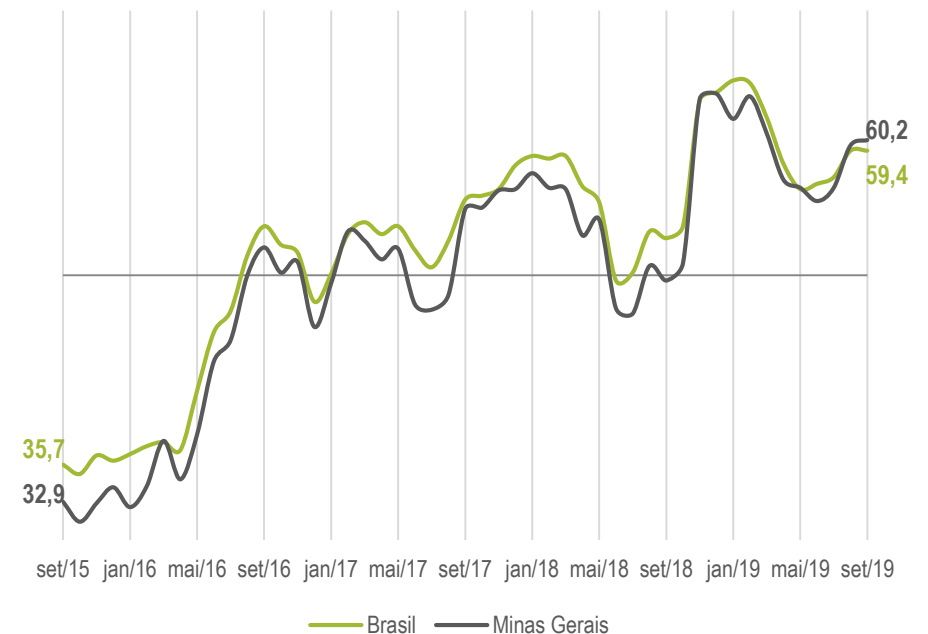


CONFIANÇA

CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO OSCILOU EM 2019, MAS ENCERRARÁ O ANO EM NÍVEL ELEVADO

- O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) iniciou 2019 em nível elevado, tanto em Minas Gerais quanto no Brasil. Os indicadores apontaram empresários confiantes em uma melhora da atividade econômica, devido à eleição de um governo comprometido com a aprovação de reformas estruturais importantes, como a da Previdência. Contudo, ao longo do primeiro semestre, os índices mostraram-se instáveis e começaram a perder o ímpeto, refletindo a frustração com o ritmo lento de recuperação da atividade e as incertezas quanto ao avanço da agenda econômica.
- No princípio do segundo semestre, houve a interrupção do movimento de queda da confiança, quando dissiparam-se as dúvidas com relação à aprovação da reforma da Previdência, e os índices entraram em uma trajetória ascendente. A recuperação gradual do mercado de trabalho, a inflação controlada, os juros mais baixos e a melhora das perspectivas de crescimento econômico contribuíram para a manutenção do ICEI em nível elevado.
- Em novembro, os índices aumentaram em relação a outubro, devido à percepção de melhora das condições atuais de negócio e do maior otimismo dos empresários para os próximos seis meses. O ICEI* marcou 62,6 pontos em Minas Gerais e 62,5 pontos no Brasil, atingindo o maior patamar desde 2010, com exceção do período pós-eleitoral (novembro de 2018 a fevereiro de 2019).
- Medidas de ajuste das contas públicas e de melhora do ambiente de negócios vêm contribuindo para o aumento dos níveis de confiança – condição fundamental para a retomada dos investimentos, que são um importante vetor para o crescimento da economia.

ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL – ICEI

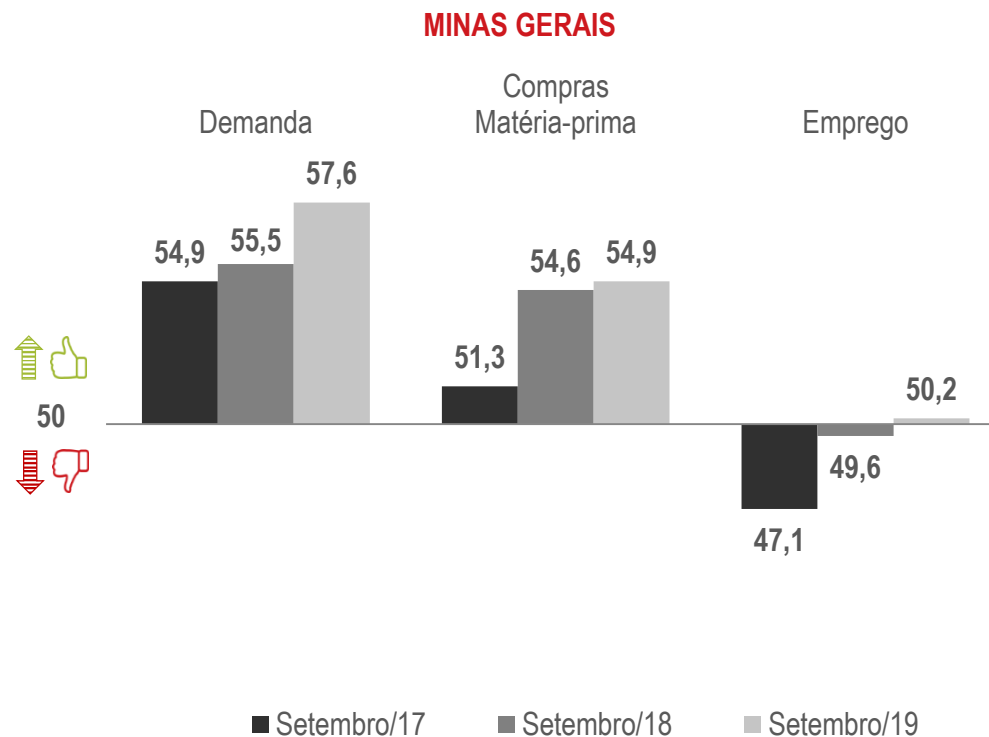
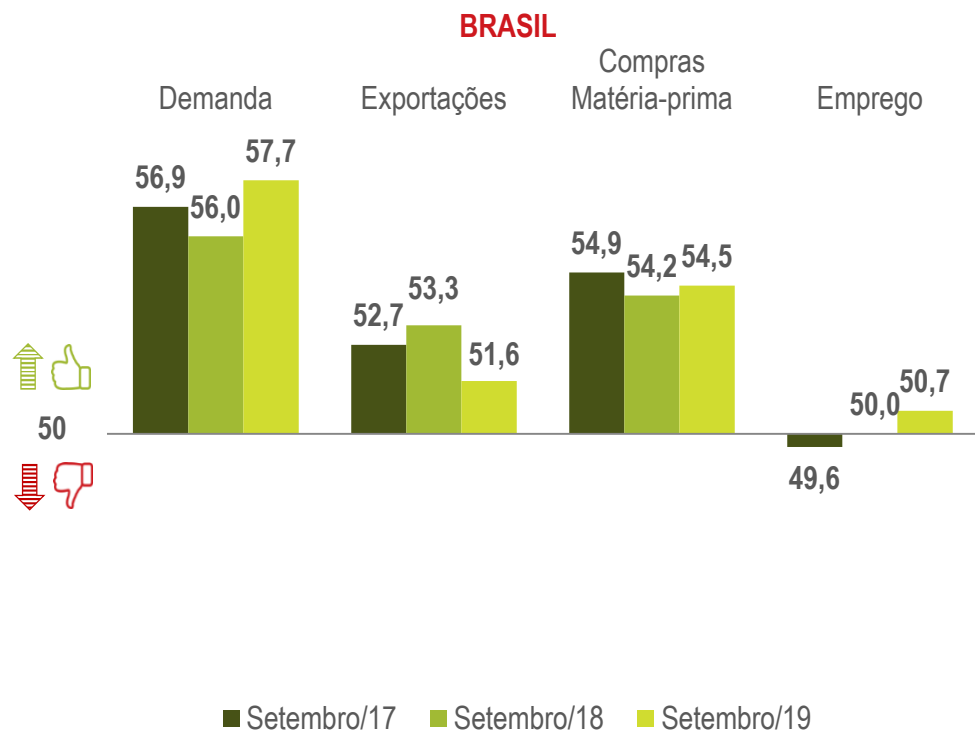




EXPECTATIVAS



BRASIL SONDAGEM INDUSTRIAL – EXPECTATIVAS* MINAS GERAIS



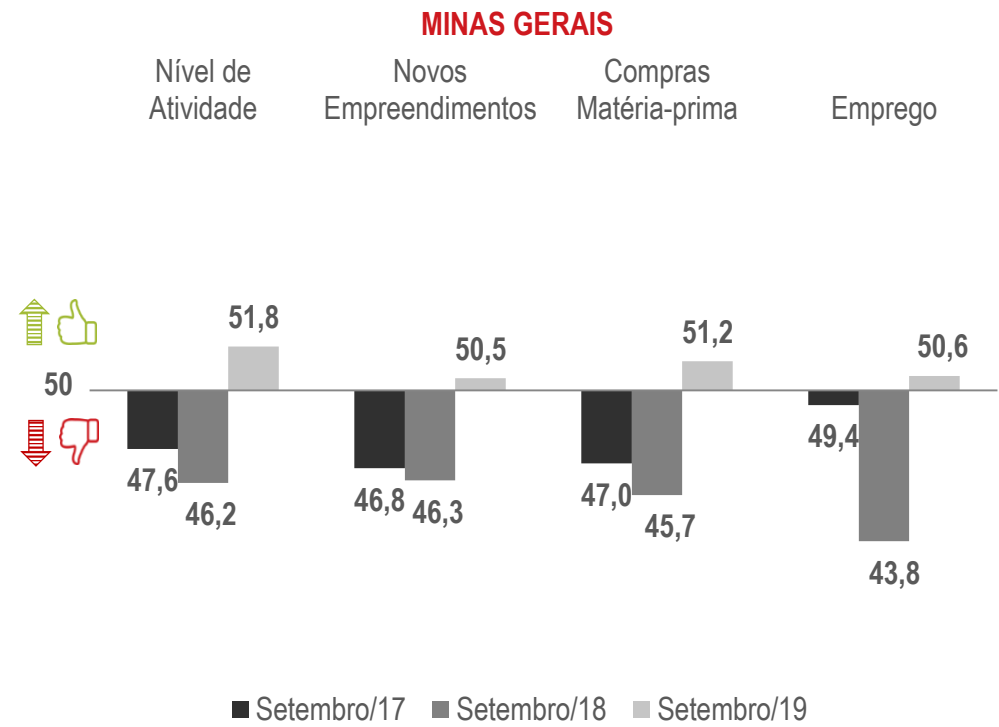
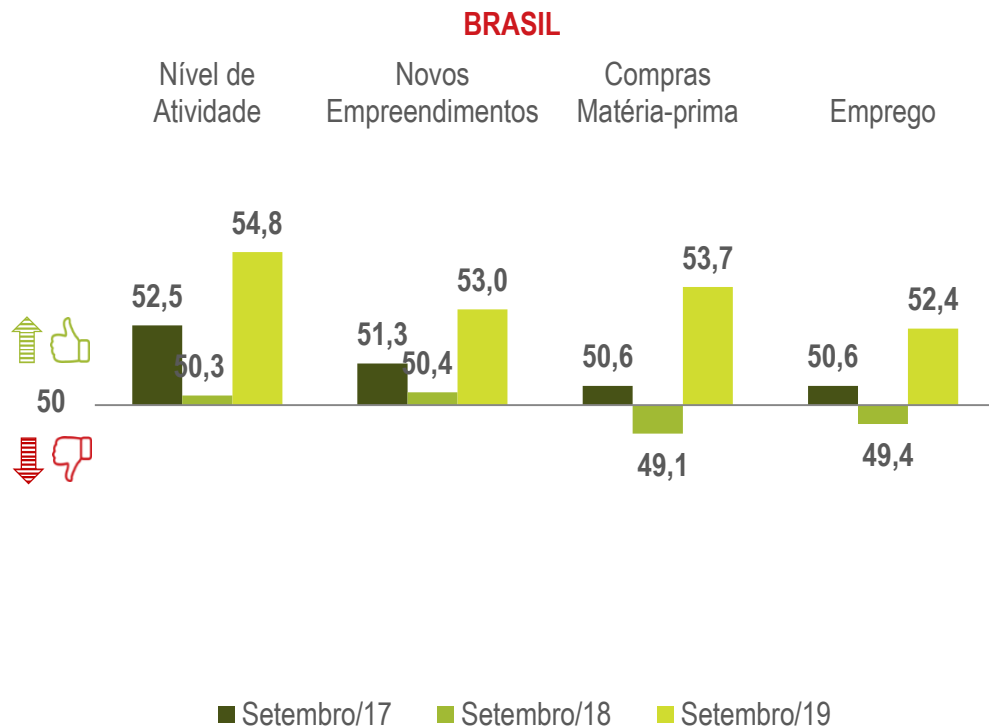
Fonte: FIEMG e CNI | *Expectativas para os próximos seis meses



EXPECTATIVAS



BRASIL SONDADEM DA INDÚSTRIA DE CONSTRUÇÃO – EXPECTATIVAS* MINAS GERAIS



Fonte: FIEMG e CNI | *Expectativas para os próximos seis meses



PROJEÇÕES

BRASIL	2019	2020
PIB (%)	0,92	2,17
Produção Industrial (%)	-0,65	2,30
Comércio Varejista - Volume (%)*	2,31	4,09
Massa Real de Rendimentos Total (%)*	2,39	2,31
IPCA (%)	3,33	3,60
IGP-M (%)	5,45	4,07
Taxa de Câmbio - Fim de Período (R\$/US\$)	4,00	4,00
Meta Taxa Selic - Fim de Período (% a.a.)	4,50	4,25
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	56,15	58,30
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-35,00	-38,00
Balança Comercial (US\$ bilhões)	46,40	42,50
Investimento Direto no País (US\$ bilhões)	80,00	80,00

MINAS GERAIS	2019	2020
PIB (%)	-1,24	2,34
Produção Industrial (%)	-4,96	3,15
Prod. Física Ind. Transformação (%)	1,55	2,05
Prod. Física Ind. Extrativa (%)	-23,95	6,90





AUTOMOTIVO

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/19 ¹		2,7%	4,6%
EXPORTAÇÕES ²	QUANTIDADE	-25,0%	-26,9%
JAN-OUT/19 ¹	VALOR (US\$)	-28,4%	-35,7%

EXPORTAÇÕES REGISTRAM QUEDA INTENSA EM 2019

- O ano de 2019 foi marcado pela continuidade da queda das exportações do setor automotivo³ brasileiro. A crise econômica na Argentina, principal parceiro comercial do setor, afetou sobremaneira o total de embarques brasileiros. Após recorde histórico em 2017 (766 mil veículos), as exportações começaram a recuar a partir do segundo semestre de 2018. Naquele ano, 629 mil veículos foram enviados para o exterior, representando encolhimento de 18,0% ante 2017. O decréscimo observado em 2019 é ainda mais acentuado. Segundo a Anfavea⁴, de janeiro a outubro, houve retração de 34,7% nas exportações em relação a igual período de 2018. A expectativa é que, até o encerramento do ano, 420 mil unidades sejam exportadas, decréscimo de 33,2% na comparação com 2018.
- Por outro lado, houve aumento das vendas no mercado interno, explicado por um ambiente econômico mais favorável ao consumo, com evolução gradual do nível de emprego e melhora nas taxas de financiamento de veículos. Vale destacar o crescimento da participação da modalidade de vendas diretas, realizadas pelas montadoras a empresas, frotistas e locadoras de veículos. No primeiro semestre do ano, as vendas diretas representaram 45,6% do total – um recorde histórico. Segundo a Anfavea, 2,3 milhões de veículos automotores foram emplacados de janeiro a outubro, representando um aumento de 8,7% frente a igual período de 2018, o melhor resultado desde 2014. A associação projeta expansão de 9,1% nas vendas, com 2,8 milhões de veículos emplacados no Brasil até o fim do ano.
- A produção do setor cresceu em 2019. De janeiro a outubro, ante igual período de 2018, houve avanço nos segmentos de veículos leves (3,4%) e de caminhões (12,1%). No segmento de ônibus, houve queda de 3,7%. A produção total atingiu 2,5 milhões de unidades no período, aumento de 3,6%. A perspectiva para 2019 é que 2,9 milhões de unidades sejam produzidas, representando crescimento de 2,1%.

PERSPECTIVAS

- No *front* externo, as expectativas para 2020 são conservadoras. As exportações do setor deverão seguir em queda, considerando a perspectiva de prolongamento da crise econômica na Argentina. Os avanços nos embarques para países como Colômbia (99,0%), México (41,0%) e Peru (24,0%), observados em 2019, não serão suficientes para compensar as perdas na Argentina, tendo em vista o grande peso do país na pauta de exportações brasileiras.
- O cenário para o mercado interno é positivo, em razão da perspectiva de recuperação mais intensa da economia brasileira, especialmente com o avanço do mercado de trabalho e a manutenção das condições favoráveis de financiamento de veículos. O crescimento das vendas deverá ser moderado, acompanhando a evolução gradativa da atividade econômica do país.
- Assim como observado em 2018 e 2019, o mercado doméstico seguirá como protagonista e será responsável pelo avanço da produção do setor. Segundo a LCA Consultores, haverá expansão de 4,3% na produção² em 2020, comparativamente a 2019.

Comparativamente ao mesmo período de 2018. ² Referem-se à fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias. ³Engloba automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus (em unidades).

⁴ Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). ⁵ Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

Fontes: Ministério da Economia, Valor Econômico, Automotive Business, Anfavea, Fenabrave e Isto é Dinheiro. Projeções: LCA Consultores.



MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/19 ¹		1,1%	8,4%
EXPORTAÇÕES QUANTIDADE		-4,9%	-10,3%
JAN-OUT/19 ¹	VALOR (US\$)	-9,6%	-16,9%

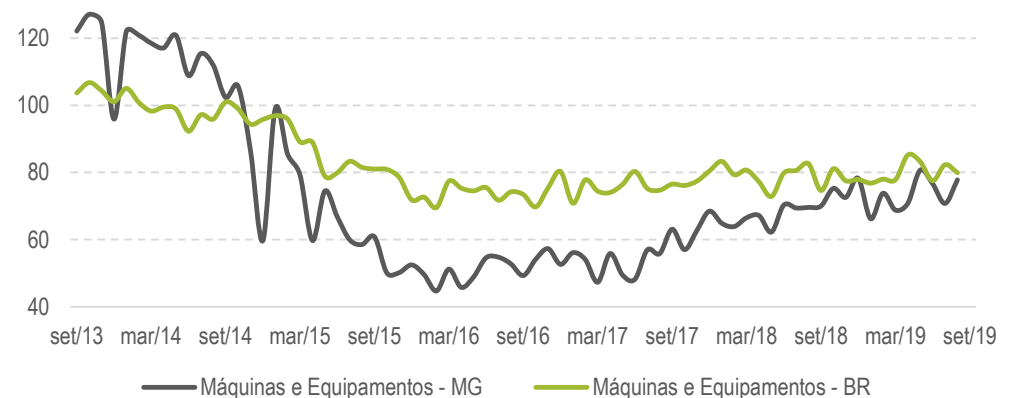
SETOR DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS É DESTAQUE EM MINAS GERAIS

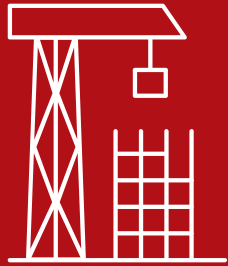
- O desempenho do setor de máquinas e equipamentos foi um dos destaques entre os demais setores da indústria mineira. No acumulado do ano até setembro, a produção física cresceu 8,4% no estado e 1,1% no país.
- Em Minas Gerais, houve crescimento na produção de máquinas e equipamentos de uso na indústria extrativa mineral e construção (5,0%) e de máquinas e equipamentos de uso industrial específico (9,3%), puxado pelas obras de descaracterização de barragens. Por outro lado, houve redução na produção física de tratores e máquinas e equipamentos para agricultura (-3,7%) e de motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão (-3,2%).
- No Brasil, o segundo trimestre do ano foi marcado por um crescimento mais intenso dos setores de geração de energia e de exploração de óleo e gás.
- No campo externo, o aprofundamento da recessão na Argentina impactou negativamente as exportações do setor. O reflexo disso foi o menor volume de exportações do Brasil (-4,9%) e de Minas Gerais (-10,3%) no acumulado do ano até setembro, frente a igual período do ano anterior. Em valor, as exportações também recuaram: 9,6% no Brasil e 16,9% em Minas Gerais.

PERSPECTIVAS

- Para 2020, a manutenção de taxas de juros baixas, a inflação sob controle e a melhora das condições de crédito, assim como o aumento da confiança dos empresários, tendem a corroborar um crescimento mais expressivo do setor.
- As perspectivas são de elevação de 0,9% da produção brasileira de máquinas e equipamentos em 2019 e de 5,9% em 2020.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (dessazonalizado 100 = jan/2012)





CONSTRUÇÃO CIVIL

	BRASIL	MINAS GERAIS
ÍNDICE DE CONFIANÇA DA CONSTRUÇÃO - NOV/19 ¹	62,0	59,2
INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL (ICC) - JAN-SET/19 ²	1,8%	
CUSTO DA CONSTRUÇÃO/M ² (INCC-SINAPI)	VARIACÃO 3,7%	5,8%
JAN-OUT/19 ²	VALOR ³ R\$ 1.155,01	R\$ 1.101,65

SETOR ENSAIA RETOMADA DA ATIVIDADE COM BOAS PERSPECTIVAS

- A recessão econômica recente impactou diretamente a construção civil, que convive, por cinco anos seguidos, com recuos da atividade. Contudo, o PIB da construção deve registrar aumento discreto em 2019 (0,1%*). A construção cresceu 2% no segundo trimestre, ante igual período do ano passado, após 20 trimestres consecutivos de queda nessa base de comparação.
- De janeiro a setembro de 2019, o setor destacou-se na geração de postos de trabalho na indústria, com 28.493 vagas no estado e 120.232 vagas no país. A divisão de obras de infraestrutura foi a que mais gerou empregos, tanto em Minas Gerais (16.398) quanto no Brasil (49.045). Vale destacar que, no caso de Minas Gerais, considerando apenas o terceiro trimestre, houve a criação de 8.166 vagas nessa divisão, grande parte concentrada em cidades com obras de reparação e descaracterização de barragens de rejeitos minerais.
- O bom desempenho na geração de empregos formais ficou em linha com a melhora do nível de atividade e com a evolução da confiança do setor. O Índice de Confiança do Empresário da Construção de Minas Gerais de novembro (59,2 pontos) atingiu o nível mais elevado em sete anos e meio, com exceção do período de novembro de 2018 a fevereiro de 2019, quando o indicador foi inflado pelo efeito pós-eleitoral.
- O mercado imobiliário continuou sua trajetória de recuperação, beneficiado por condicionantes favoráveis à demanda, como a retomada paulatina do mercado de trabalho, a inflação controlada, os juros baixos e a maior oferta de crédito. Após o forte ajuste nos estoques de imóveis nos últimos dois anos, o volume de lançamentos nos primeiros oito meses de 2019 foi 9,9% superior ao registrado no mesmo período de 2018, e as vendas líquidas de imóveis novos – que excluem as unidades devolvidas – cresceram 9,4%.
- Os financiamentos imobiliários com recursos das cadernetas do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) somaram R\$ 54,7 bilhões nos primeiros nove meses de 2019, elevação de 34,1% em relação a igual período de 2018.

PERSPECTIVAS

- Para 2020, a perspectiva é de aumento de 2,3%* do PIB da construção, puxado pelo setor imobiliário.
- A Selic historicamente baixa e a maior concorrência entre os bancos deverão continuar favorecendo o recuo nas taxas de crédito para a aquisição de imóveis, alavancando o reaquecimento do setor.
- No intuito de ampliar o acesso ao crédito habitacional, a Caixa Econômica Federal anunciou uma nova modalidade de financiamento, atrelada ao Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com juros iniciais menores em relação às linhas antigas.
- Os investimentos em infraestrutura continuarão dependendo da ampliação das fontes de financiamento privado, devido às restrições fiscais da administração pública.
- As concessões de projetos de infraestrutura têm se materializado lentamente, limitando o avanço do setor. Os projetos licitados e aprovados no âmbito do Programa de Parcerias de Investimentos (PPI) terão impacto somente a médio e longo prazos.



INDÚSTRIA EXTRATIVA

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/19 ¹		-9,8%	-24,6%
EXPORTAÇÕES	VOLUME (Kg)	-10,4%	-14,5%
JAN-OUT/19 ¹	VALOR (US\$)	-0,5%	10,6%

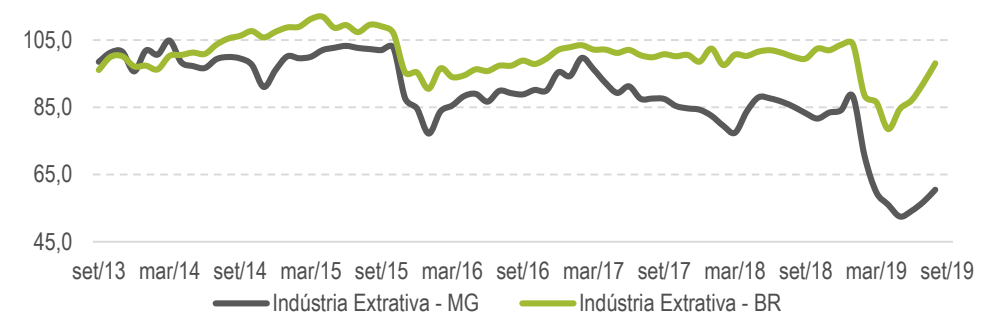
APÓS BRUMADINHO, INDÚSTRIA EXTRATIVA DÁ SINAIS DE RECUPERAÇÃO

- De janeiro a setembro de 2019, a produção brasileira de minério de ferro registrou queda de 9,8%, explicada principalmente pela paralisação parcial da atividade extrativa em Minas Gerais, decorrente do rompimento da Barragem I de Brumadinho. Em Minas Gerais, a produção da indústria extrativa recuou 24,6% no período.
- A paralisação parcial da atividade mineradora em Minas Gerais e a redução dos estoques de minério nos portos da China provocaram a elevação do preço do minério de ferro, que atingiu US\$ 120/ton no mês de julho, maior cotação desde fevereiro de 2014.
- No segundo semestre, a atividade mineradora retomou parcialmente o nível de atividade em Minas Gerais, com o retorno da operação nas minas de Brucutu, Vargem Grande e Alegria, da Vale. A volta da atividade mineradora no estado, juntamente com a guerra comercial entre China e Estados Unidos, contribuiu para aumentar os estoques de minério de ferro e acomodou os preços da *commodity* em torno de US\$ 85/ton.
- Esse cenário resultou na queda do volume de exportações da indústria extrativa do Brasil (-10,4%) e de Minas Gerais (-14,5%) no período de janeiro a setembro. Com a maior cotação do minério de ferro, contudo, houve aumento no valor das exportações do Brasil (0,5%) e de Minas Gerais (10,6%).

PERSPECTIVAS

- Para 2020, a produção da indústria extrativa deve voltar a crescer no país (12,2%), puxada pela extração de petróleo e gás, com destaque para a exploração de campos do pré-sal. A retomada das atividades em algumas minas da Vale e o retorno das operações da Samarco, em Mariana/MG, tendem a diluir a restrição de oferta de minério, estimada atualmente em 48 milhões de toneladas anuais no Brasil.
- O reestabelecimento da oferta e a menor demanda chinesa, decorrente da guerra comercial entre China e Estados Unidos, devem pressionar os preços do minério de ferro para baixo. As previsões apontam para um nível de preço entre US\$ 80/ton e US\$ 85/ton ao longo de 2020.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (dessa sazonalizado 100 = jan/2012)





METALURGIA

		BRASIL	MINAS GERAIS
PRODUÇÃO FÍSICA JAN-SET/19 ¹		-0,6%	1,5%
EXPORTAÇÕES	VOLUME (Kg)	-0,8%	25,8%
JAN-OUT/19 ¹	VALOR (US\$)	-1,1%	17,0%

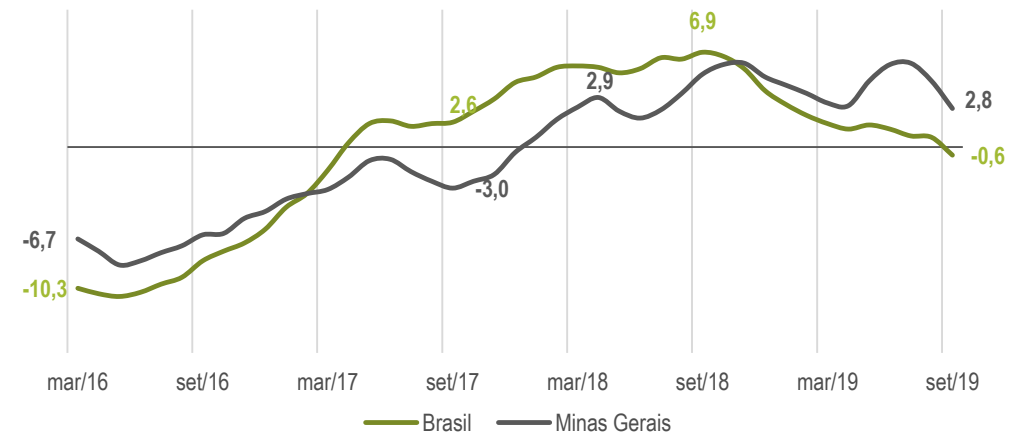
INDÚSTRIA METALÚRGICA TEM DESEMPENHO FRACO EM 2019

- Após forte avanço em 2018, a indústria metalúrgica brasileira vem apresentando, em 2019, desempenho mais fraco do que o esperado no início do ano. De janeiro a setembro, a atividade nacional recuou 0,6%. Em Minas Gerais, por outro lado, cresceu 1,5%. A elevação dos preços do minério de ferro – principal insumo dessa atividade – e o menor crescimento da economia argentina foram fatos relevantes para o arrefecimento da demanda por aço no ano.
- O melhor desempenho da indústria mineira frente à brasileira deveu-se, em parte, ao aumento das exportações. O setor metalúrgico de Minas Gerais exportou, no acumulado do ano até outubro, 17,0% a mais que no mesmo período de 2018, enquanto no Brasil houve recuo de 1,1%. O diferencial de desempenho do segmento no estado vem sendo puxado pelas elevações das exportações de ferro-gusa e ferroliga (28,9%) e de não ferrosos (11,2%).
- O acordo entre Brasil e Estados Unidos para isenção de tarifas de importação em produtos semiacabados de aço brasileiros no mercado norte-americano contribuiu para o desempenho positivo da siderurgia mineira. Em nível nacional, as exportações apresentam maior participação de produtos acabados de aço do que em nível estadual.

PERSPECTIVAS

- Para o próximo ano, as incertezas quanto aos acordos comerciais entre China e Estados Unidos e à economia argentina devem conter, em parte, o avanço do setor. Por outro lado, a melhora da economia brasileira e o avanço do crédito devem agir positivamente sobre a demanda de produtos metalúrgicos, sobretudo para atender à construção civil – que ensaia recuperação –, ao setor automotivo e à linha branca.

PRODUÇÃO FÍSICA – INDÚSTRIA DE METALURGIA (var. cum. 12 meses)





Anexo Especial

PARALISAÇÃO PARCIAL DO SETOR EXTRATIVO MINERAL

1. Apresentação

2. Atualização do Estudo 1 (Estudo 2)

3. Impactos dos Investimentos

4. Comparação dos Resultados (Estudos 1 e 2)

1. Apresentação

Em 25 de janeiro de 2019, o rompimento de uma barragem de rejeitos de minério em Brumadinho gerou impactos sociais, econômicos e ambientais de enormes proporções para Minas Gerais e para o Brasil.

Este Anexo Especial tem como objetivo atualizar o estudo “Descontinuidade Parcial e Total da Atividade de Extração de Minério de Ferro em Minas Gerais”, elaborado pela FIEMG em março de 2019 (ESTUDO 1). Naquele momento, trabalhamos com três cenários (I,II e III), que variavam de acordo com o nível de queda da produção mineral em 2019, 2020 e 2021, com o intuito de estimar as perdas de faturamento, empregos, renda e arrecadação tributária, dentre outras variáveis, para Minas Gerais e o Brasil.

Na versão atual (ESTUDO 2), fizemos a avaliação dos impactos econômicos considerando o cenário que se concretizou, o que incorpora, também, os efeitos positivos dos investimentos da Vale S.A. em obras de descomissionamento de barragens, de recuperação dos danos causados à cidade de Brumadinho, dentre outras.

Diversas medidas de entes públicos e privados comprometidos com o desenvolvimento de Minas Gerais, muitas lideradas pela FIEMG, contribuíram para evitar a queda da produção mineral em proporções mais elevadas, como vinha se configurando no início do ano. Estimamos, com isso, que a perda de 40,3 mil empregos, R\$ 12,4 bilhões em faturamento de diversos setores e R\$ 3,3 bilhões em receitas tributárias foi poupada em Minas Gerais neste ano, como demonstramos neste relatório, nas comparações entre os ESTUDOS 1 e 2.

2. Atualização do Estudo 1 (Estudo 2)

Cenários do Estudo 1¹

Queda da produção do setor extrativo mineral² (milhões de toneladas/ano)

Cenário	Descrição	2019	2020	2021
Cenário I	Paralisação da produção de minério de ferro, outros minerais e pelotas em 130 milhões de toneladas em Minas Gerais.	-130	-130	-130
Cenário II	Queda da produção anunciada pela Vale, devido aos descomissionamentos de barragens (50 milhões de toneladas/ano). Interrupção por dois anos da produção da mina de Brucutu (2019 e 2020), com retomada em 2021. Operações da Samarco paralisadas até o final de 2021.	-90	-90	-65
Cenário III	Queda da produção anunciada pela Vale, devido aos descomissionamentos de barragens (50 milhões de toneladas/ano). Interrupção por um ano da produção da mina de Brucutu (24 milhões de toneladas), com retomada em 2020. Operações da Samarco paralisadas até o final de 2021.	-74	-65	-65

¹ Analisados em fevereiro de 2019.

² Em Minas Gerais. Ferrosos: minério de ferro (89% do total de ferrosos) e pelotas (11% do total de ferrosos) | Não Ferrosos: alumínio; estanho; manganês; metais preciosos e minerais radioativos.

O Cenário III do Estudo 1 é o mais próximo da realidade:

- Perspectiva de perda da produção total da Vale¹ em Minas Gerais, alterada de 74 milhões de toneladas para 71 milhões de toneladas, em 2019.
- Retorno das operações da mina de Brucutu antes do esperado, com produção de aproximadamente 20 milhões de toneladas em 2019, ante projeção de seis milhões de toneladas.
- Retomada gradual das operações no Complexo Vargem Grande em 2019, com recuo da produção menor do que o esperado anteriormente: de 22 milhões de toneladas para 17 milhões de toneladas.
- Por outro lado, paralisações parciais da produção (por motivação judicial ao longo do primeiro semestre de 2019) e incertezas quanto à liberação dessas operações influenciaram o menor nível de produção no estado.

O cenário do Estudo 2 incorpora os eventos acima descritos.

¹ Expectativa de produção nacional da Vale em 2019: entre 307 e 312 milhões de toneladas.
Produção 2018: 385 milhões de toneladas

Avaliações do Estudo 2

**Impactos econômicos
decorrentes do novo cenário
de queda da produção
extrativa mineral no estado.**

**Efeitos econômicos
resultantes dos
investimentos da Vale S.A.**

**Comparação dos impactos
econômicos com e sem os
investimentos da Vale S.A.**

Cenário do Estudo 2

Queda esperada da produção do setor extrativo mineral¹ (milhões de toneladas/ano)

Ano	Queda na Produção	Descrição
2019	-71	Recuo da produção anunciada pela Vale S.A. (50 milhões de toneladas/ano) e paralisação por cinco meses da mina de Brucutu. Atividade parcial no Complexo Vargem Grande e na mina de Alegria.
2020	-32	Retomada total da produção do Complexo Vargem Grande, das minas de Alegria e Brucutu. Início das operações da Samarco, a partir do segundo semestre de 2020, com um terço da capacidade total.
2021	-12	Normalização das operações da Samarco.

¹ Em Minas Gerais. Ferrosos: minério de ferro (89% do total de ferrosos) e pelotas (11% do total de ferrosos); Não Ferrosos: alumínio; estanho; manganês; metais preciosos e minerais radioativos.

Impactos Econômicos do Estudo 2

Impactos Diretos

Perdas vinculadas apenas ao setor de 'extração de minério de ferro e de não ferrosos, beneficiamentos e aglomeração'.

Impactos Indiretos

Perdas geradas nos demais setores da economia, como reflexo dos encadeamentos produtivos.

Impactos Totais

=

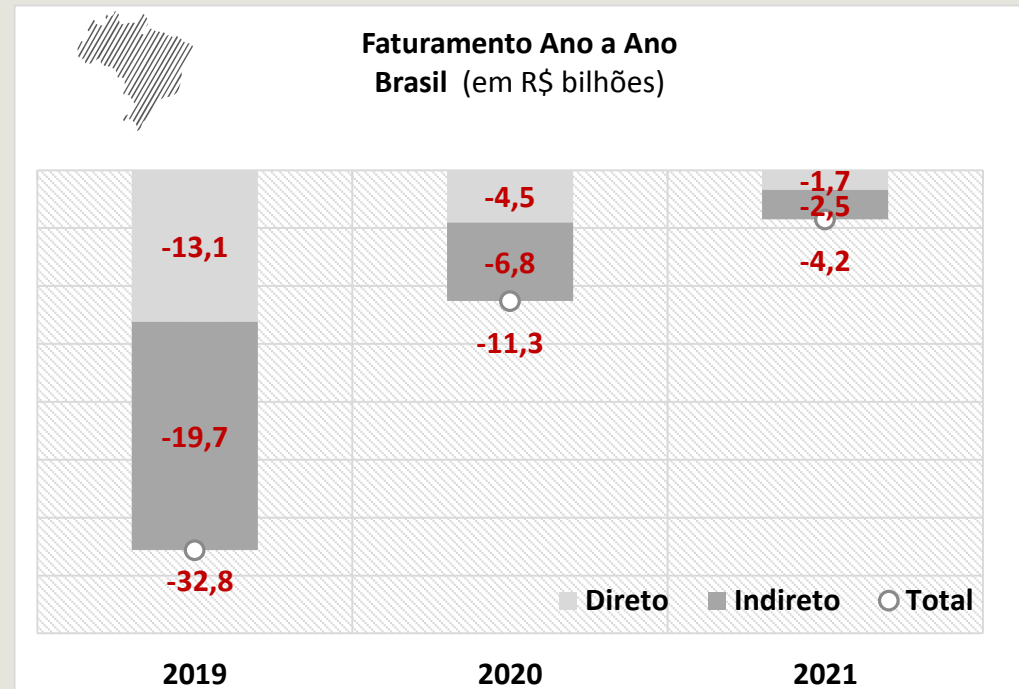
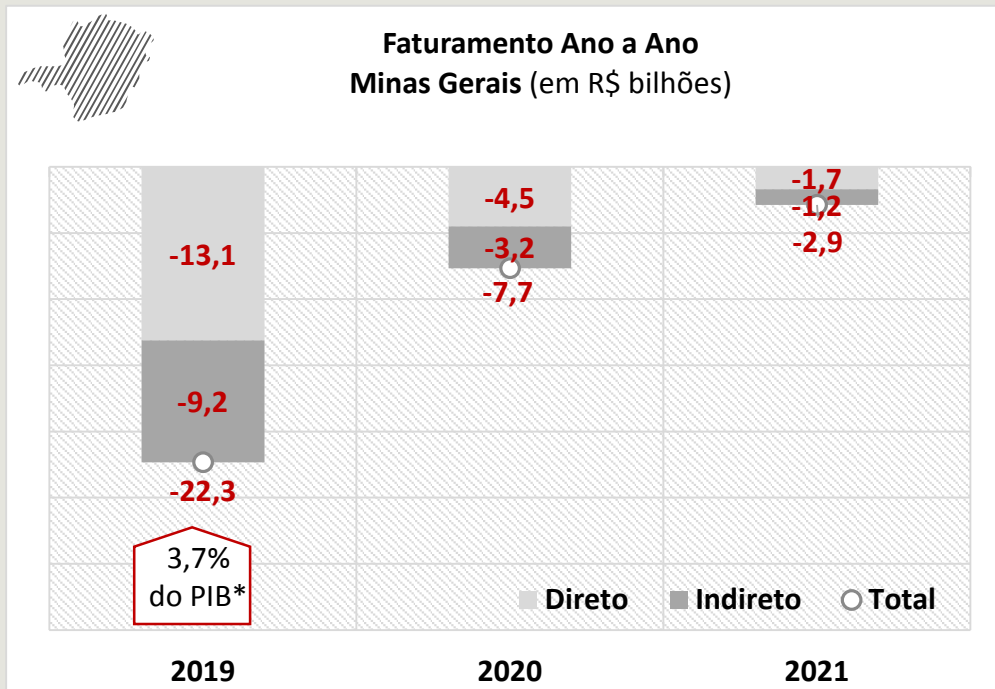
Impactos Diretos

+

Impactos Indiretos

Perdas de Faturamento

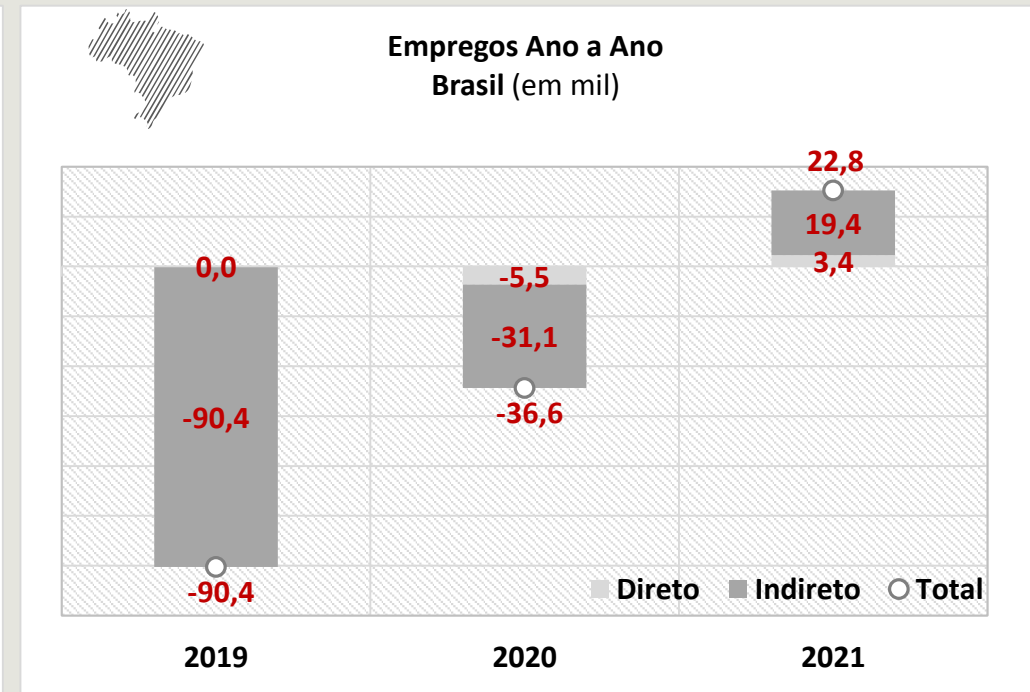
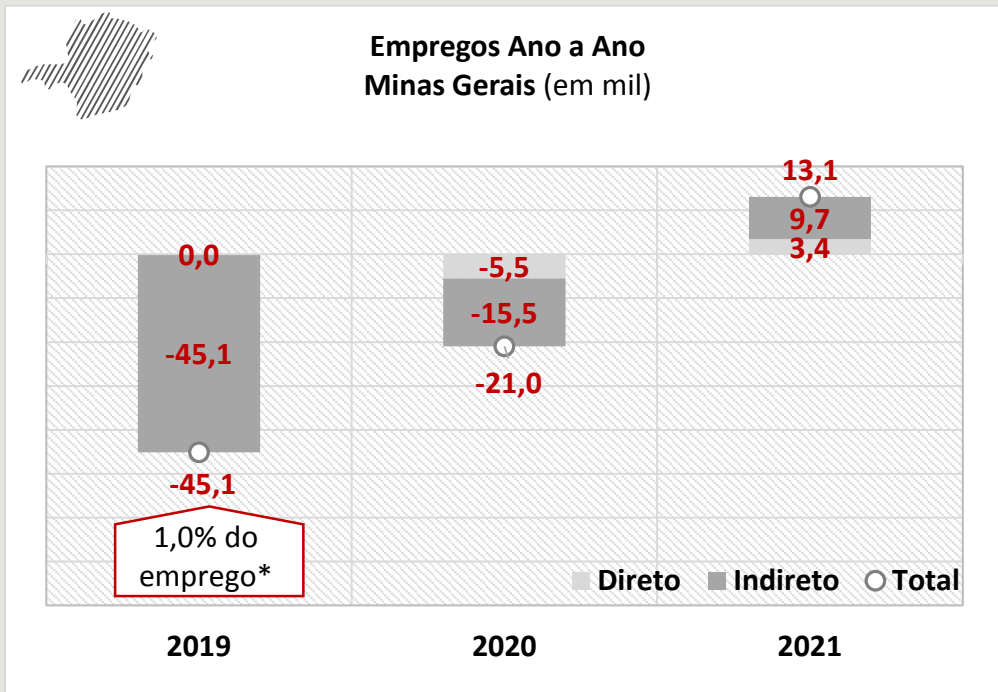
Queda da produção em 71 milhões de toneladas em 2019



Em 2019, estima-se que as paralisações parciais no setor extrativo mineral ocasionarão, direta e indiretamente, uma redução no faturamento de R\$ 22,3 bilhões (no estado) e de R\$ 32,8 bilhões (no país).

Redução do Emprego

Queda da produção em 71 milhões de toneladas em 2019

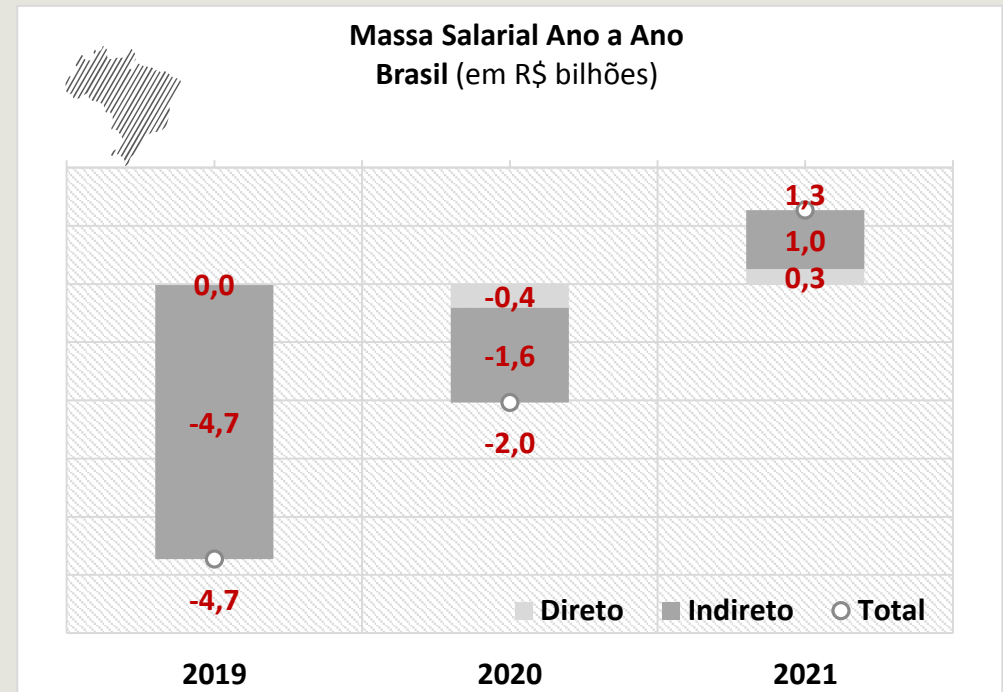
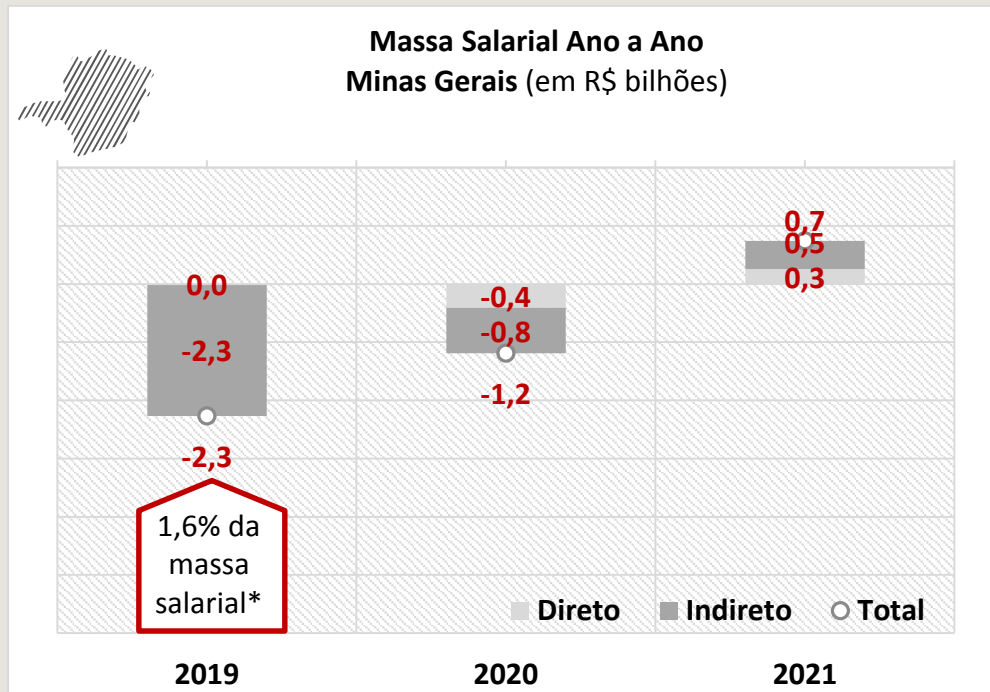


Em maio de 2019, a Vale anunciou que não haveria, em Minas Gerais, demissões diretas ao longo do ano, decorrentes do rompimento da barragem. Dessa forma, para este ano, estima-se um total de 45,1 mil demissões no estado e 90,4 mil demissões no país.

*Equivalente a 1,0% do total de trabalhadores na economia de Minas Gerais
Fonte: Registro Anual das Informações Sociais (RAIS) – 2018

Redução da Renda (Massa Salarial)

Queda da produção em 71 milhões de toneladas em 2019



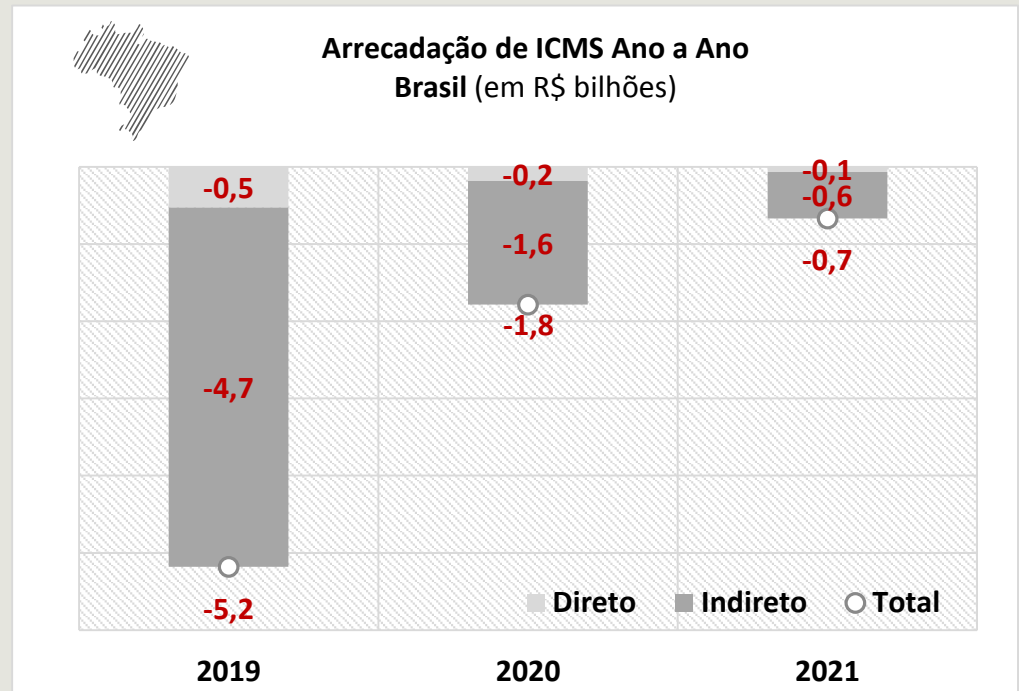
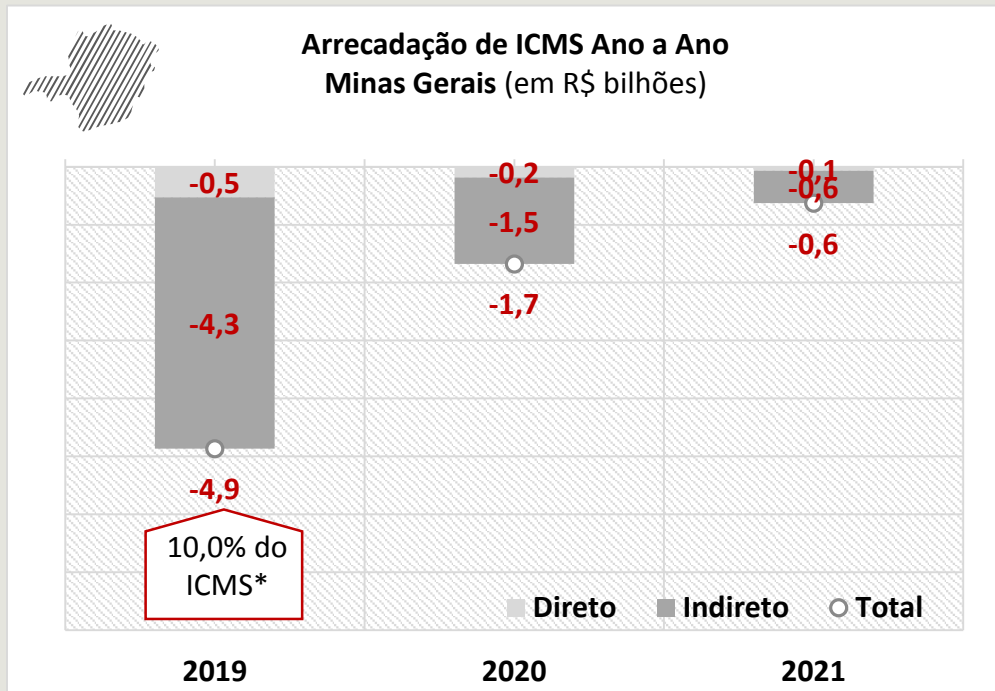
Como não houve demissões diretas, a massa salarial do setor extrativo mineral não foi afetada em 2019, com perdas indiretas concentradas nos setores fornecedores e compradores do setor extrativo mineral. As perdas totais são estimadas em R\$ 2,8 bilhões (Minas Gerais) e R\$ 5,4 bilhões (Brasil), de 2019 a 2021.

*Massa Salarial de Minas Gerais (2018)

Fonte: Registro Anual das Informações Sociais (RAIS) – 2018

Perda de Arrecadação Tributária

Queda da produção em 71 milhões de toneladas em 2019



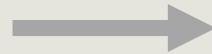
As perdas totais estimadas para o triênio 2019-2021 são de R\$ 6,0 bilhões para Minas Gerais e de R\$ 7,7 bilhões para o Brasil.

*Equivalente a 10,0% do total de ICMS arrecadado pelo estado em 2018
Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (2018)

3. Impactos dos Investimentos

Investimentos Anunciados pela Vale S.A.

Após o rompimento da Barragem I, na mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, foram anunciadas obras de reparação e descomissionamento de 10 barragens de resíduos em Minas Gerais.



- Descomissionamento de barragens a montante.
- Obras emergenciais em Brumadinho.
- Estruturas de contenção e remoção de rejeitos.
- Novas estações de captação e tratamento de água.
- Novo processo de produção e de empilhamento a seco.

R\$ 7,7 bilhões

Avaliações do Estudo 2

Impactos econômicos decorrentes do novo cenário de queda da produção extrativa mineral no estado.

Efeitos econômicos resultantes dos investimentos da Vale S.A.

Comparação dos impactos econômicos com e sem os investimentos da Vale S.A.

Os investimentos divulgados pela Vale S.A. têm potencial de gerar efeitos positivos em diversos setores da economia do estado nos próximos três anos e tendem a suavizar os impactos econômicos negativos causados pela queda da produção da atividade extrativa mineral.

Premissas da Avaliação¹

- Fonte: Balanço da Reparação².
- Utilização da Matriz Insumo-Produto, para estimar como os investimentos em obras impactarão o Faturamento, o Emprego, a Massa Salarial e a Arrecadação Tributária.
- Direcionamento dos investimentos para os setores de construção e saneamento.
- Investimentos aplicados no triênio 2019-2021.
- Os efeitos diretos no estado também serão os efeitos diretos no país.



Segurança

Início do investimento de **R\$ 7,1 bilhões** para descaracterização de barragens



Obras

R\$ 144 milhões investidos em obras de contenção e reparação

R\$ 450 milhões em obras de captação de água para garantir abastecimento da Região Metropolitana de BH

Investimentos anunciados (R\$ milhões)

Setor/Ano	2019	2020	2021
Construção	2.510	2.367	2.367
Saneamento	450	0	0

¹Ver Nota Metodológica. ²Balanço da Reparação – Vale S.A. (setembro de 2019)

Efeitos Econômicos

Efeitos Diretos

Acréscimos vinculados apenas aos setores de construção e de saneamento.

Efeitos Indiretos

Acréscimos gerados nos demais setores da economia, como reflexo dos encadeamentos produtivos.

Efeitos Totais

=

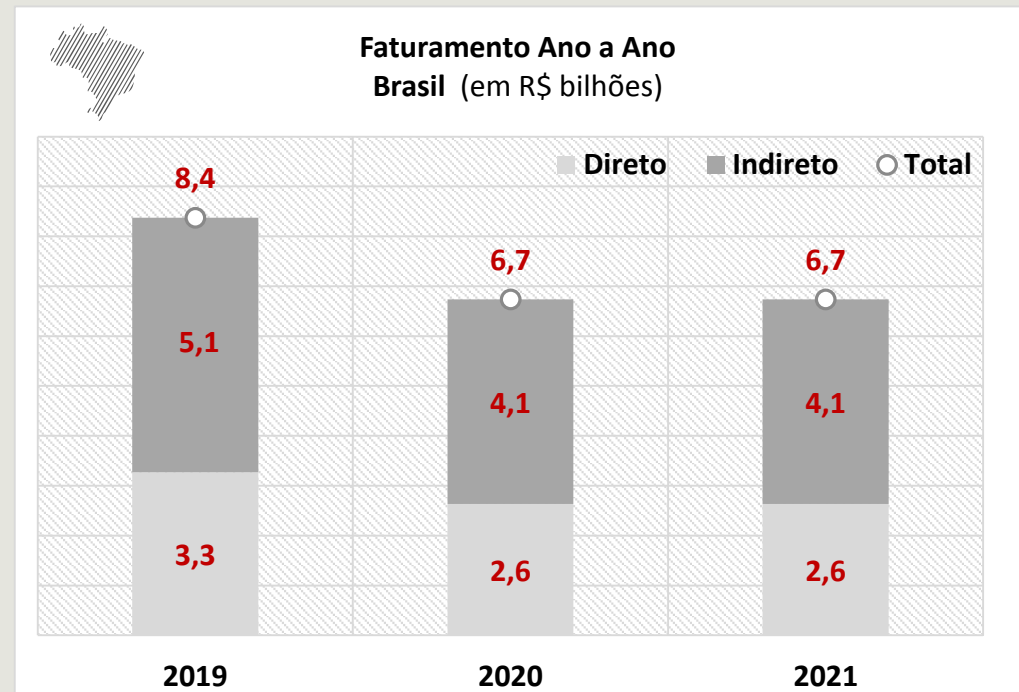
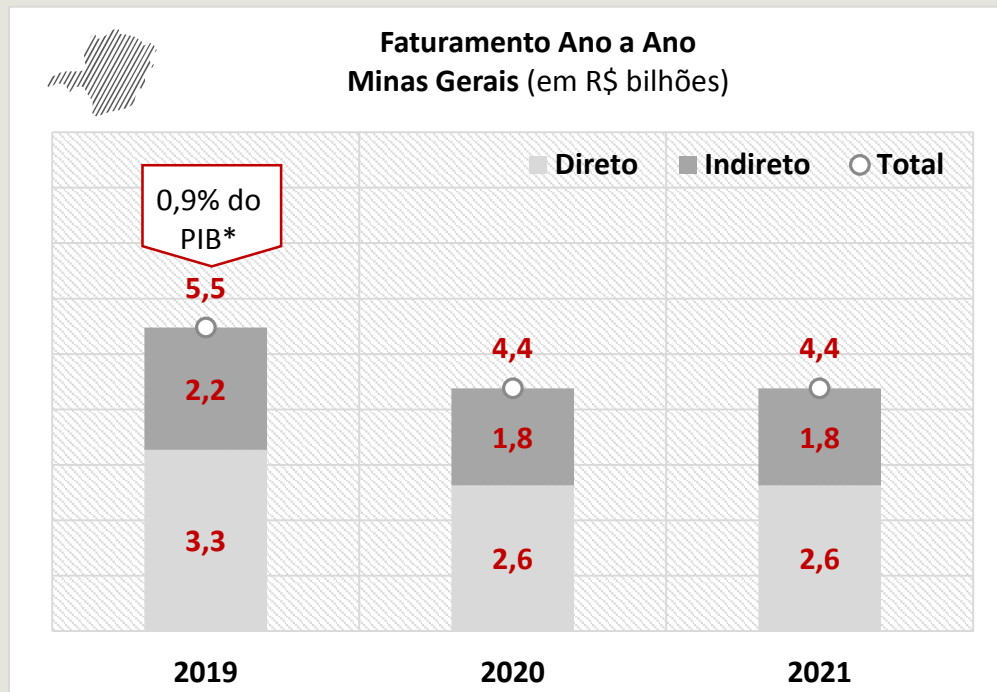
Efeitos Diretos

+

Efeitos Indiretos

Ganhos de Faturamento

Valor previsto dos investimentos: R\$ 7,7 bilhões

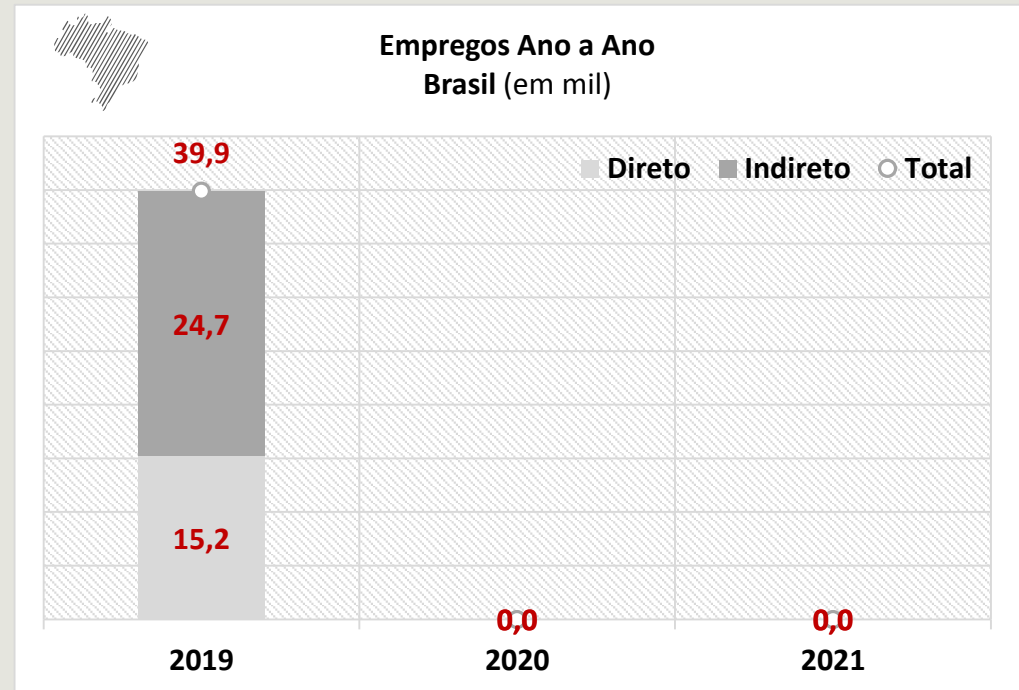
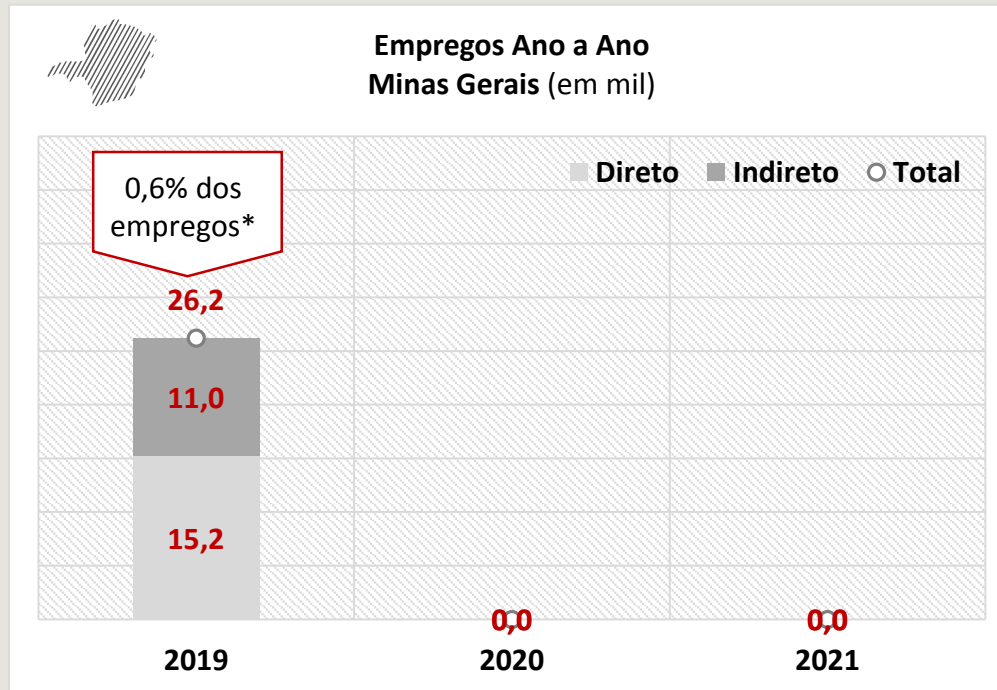


Os investimentos em obras de reparação, contenção, descomissionamento e saneamento têm potencial de suavizar os efeitos da queda da produção, direta e indiretamente, aumentando o faturamento em R\$ 14,3 bilhões no estado e em R\$ 21,8 bilhões no país, nos próximos três anos.

*PIB de Minas Gerais (2018)

Geração de Emprego

Valor previsto dos investimentos: R\$ 7,7 bilhões



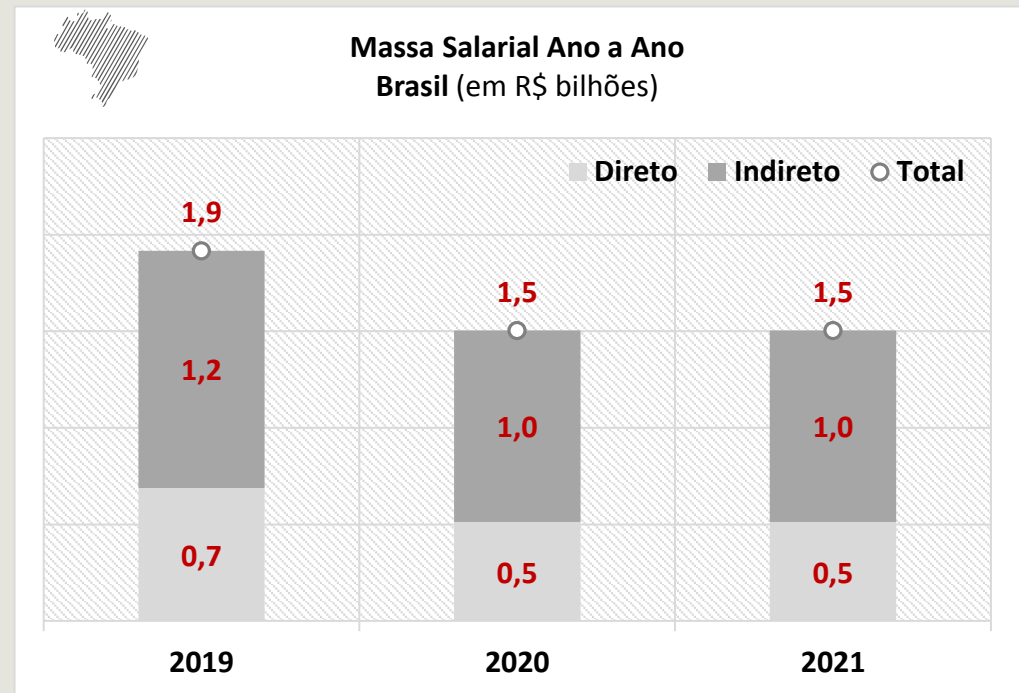
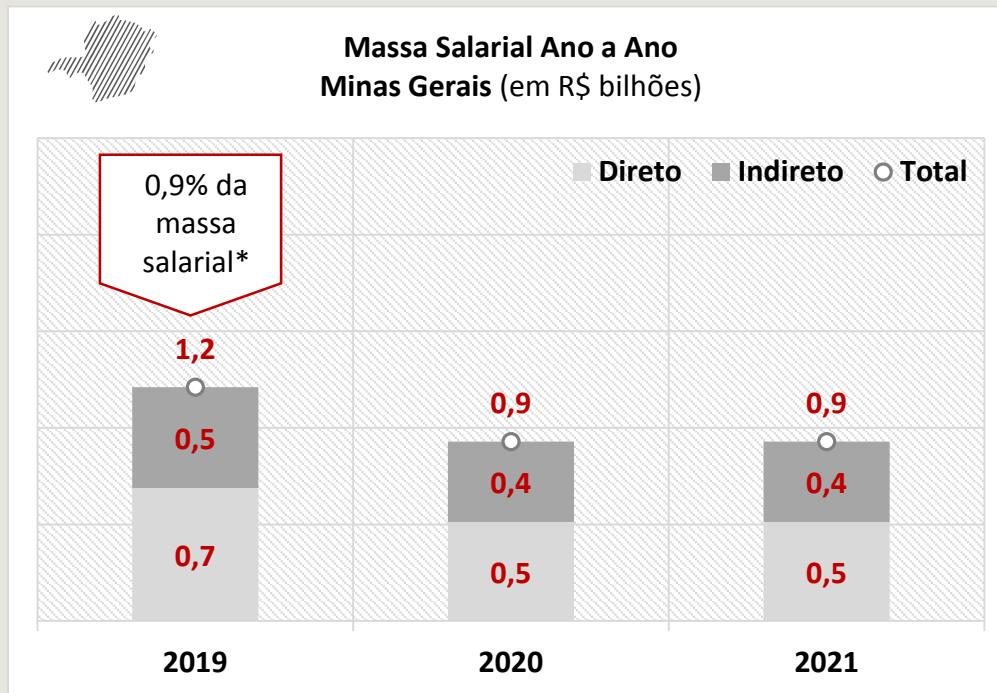
Os dispêndios em obras devem impactar positivamente as contratações no estado (26,2 mil) e no país (39,9 mil), sendo a maior parte no setor da construção. Como as obras anunciadas terão duração de três anos, as contratações devem ficar concentradas em 2019.

*Equivalente a 0,6% do total de trabalhadores na economia de Minas Gerais.

Fonte: Registro Anual das Informações Sociais (RAIS) – 2018

Ganho de Renda (Massa Salarial)

Valor previsto dos investimentos: R\$ 7,7 bilhões



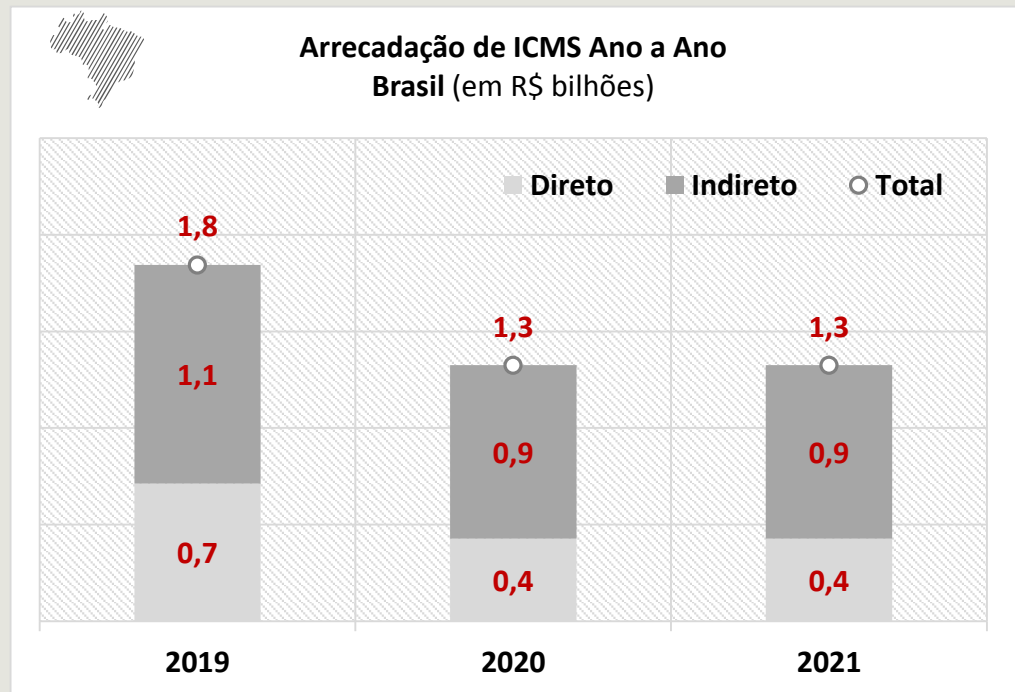
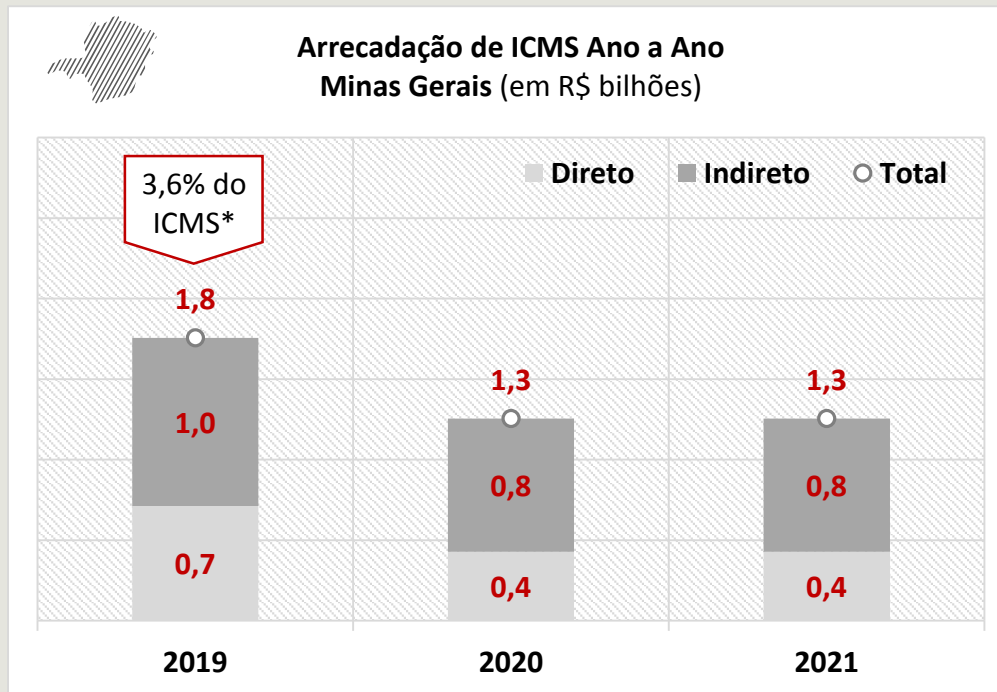
Os ganhos de renda (massa salarial) em razão das obras (R\$ 3,0 bilhões no estado e R\$ 4,9 bilhões no país) tendem a amenizar as perdas ocasionadas pelo recuo da produção do setor extrativo mineral.

*Massa Salarial de Minas Gerais (2018)

Fonte: Registro Anual das Informações Sociais (RAIS) – 2018

Ganho de Arrecadação Tributária

Valor previsto dos investimentos: R\$ 7,7 bilhões



Os investimentos anunciados têm potencial de gerar ganho de arrecadação tributária de R\$ 4,4 bilhões em Minas Gerais e o mesmo montante no Brasil, no período 2019-2021.

*Equivalente a 3,6% do total arrecadado de ICMS pelo estado em 2018.

Fonte: Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais (2018)

4. Comparação dos Resultados

(Estudos 1 e 2)

Avaliações do Estudo 2

**Impactos econômicos
decorrentes do novo cenário
de queda da produção
extrativa mineral no estado.**

**Efeitos econômicos
resultantes dos
investimentos da Vale S.A.**

**Comparação dos impactos
econômicos com e sem os
investimentos da Vale S.A.**

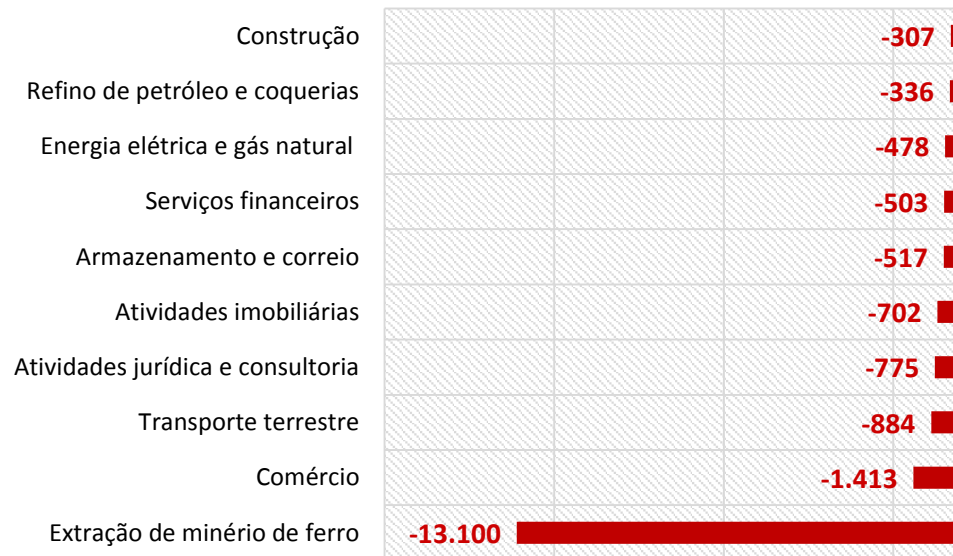
Estudo 2: Impactos Econômicos Com e Sem Investimentos

Efeitos Totais em Minas Gerais	A - Impactos sem Investimentos			B - Impactos dos Investimentos			Efeito Líquido (A-B)		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Faturamento (em R\$ bilhões)	-22,3	-7,7	-2,9	5,5	4,4	4,4	-16,8	-3,3	1,5
Emprego (em mil)	-45,1	-21,0	13,1	26,2	-	-	-18,9	-21,0	13,1
Massa Salarial (em R\$ bilhões)	-2,3	-1,2	0,7	1,2	0,9	0,9	-1,1	-0,3	1,7
Arrecadação Tributária (em R\$ bilhões)	-4,9	-1,7	-0,6	1,8	1,3	1,3	-3,1	-0,4	0,6

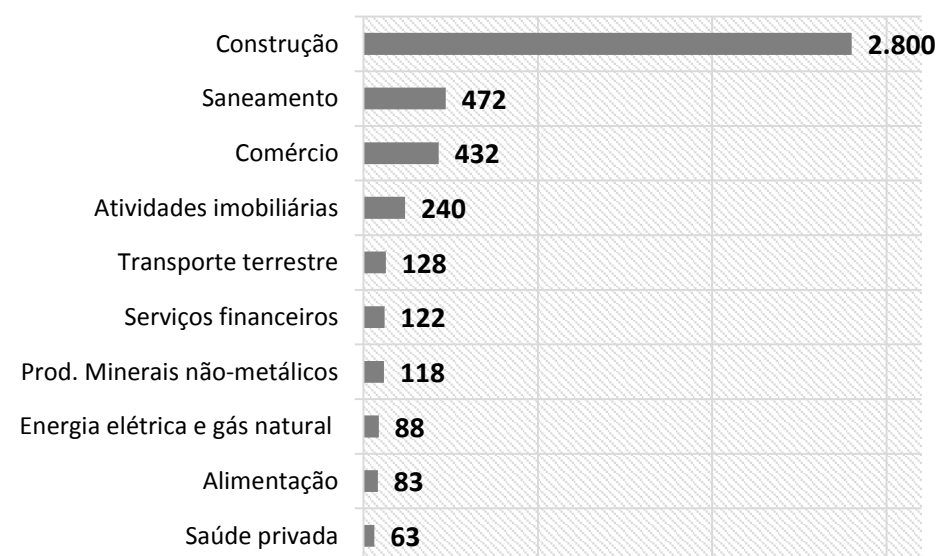
Os investimentos anunciados pela Vale S.A. tendem a suavizar, nos próximos três anos, os impactos econômicos negativos da queda da produção do setor extrativo mineral.

Setores Mais Impactados Com e Sem Investimentos

Faturamento Setorial - Sem Obras (2019)
Minas Gerais (em R\$ milhões)



Faturamento Setorial - Com Obras (2019)
Minas Gerais (em R\$ milhões)



Os setores serão impactados em intensidades diferentes nos cenários com e sem obras. O setor de comércio, por exemplo, perderia R\$ 1,4 bilhão em faturamento no cenário sem obras. Entretanto, as obras deverão atenuar a perda em R\$ 432 milhões. Por outro lado, o setor da construção teria perda estimada de R\$ 307 milhões e, com as obras, a perspectiva é de acréscimo de R\$ 2,8 bilhões.

Comparação entre os Estudos 1 e 2

Efeitos Totais em Minas Gerais	A – Cenário Intermediário (Estudo 1)			B – Efeito Líquido (Estudo 2)			A-B		
	2019	2020	2021	2019	2020	2021	2019	2020	2021
Faturamento (em R\$ bilhões)	-29,3	-25,0	-19,6	-16,8	-3,3	1,5	-12,4	-21,7	-18,1
Emprego (em mil)	-59,2	11,6	14,9	-18,9	-21,0	13,1	-40,3	32,6	28,0
Massa Salarial (em R\$ bilhões)	-3,0	0,7	0,8	-1,1	-0,3	1,7	-1,9	0,9	2,5
Arrecadação Tributária (em R\$ bilhões)	-6,4	0,9	1,2	-3,1	-0,4	0,6	-3,3	1,3	1,8

A comparação entre os Estudos 1 e 2, incorporando os impactos positivos dos investimentos da Vale S.A., revela que a suavização do cenário de recuo da produção extrativa mineral em 2019 mitigou o potencial de queda do emprego e da renda na economia mineira.

Constatações

Saldo de Empregos Formais – Minas Gerais		
Atividade	3º trimestre 2018	3º trimestre 2019
Total da Construção	11.127	12.490
Obras de Infraestrutura	2.720	8.166
Belo Horizonte	3.329	5.145
Nova Lima	-85	691
Itabirito	26	502
Barão de Cocais	0	298
Brumadinho	45	193
Demais Cidades	-595	1.337
Serviços para Construção	3.853	4.566
Construção de Edifícios	4.554	-242
Demais Setores da Economia	10.576	8.867
Total da Economia	21.703	21.357

Os dados referentes à geração de empregos formais indicam aumento das contratações no setor da construção, com destaque para a atividade de **Obras de Infraestrutura**. No terceiro trimestre de 2019, houve criação de **8.166 vagas** nessa atividade, grande parte (**6.829 vagas**) concentrada em cidades com obras de reparação e de descaracterização de barragens.

Conclusão

- A retomada das atividades produtivas de minas importantes, como Brucutu, Vargem Grande e Alegria da Vale S.A., contribuiu para uma queda de produção menor que a inicialmente projetada em Minas Gerais (Estudo 1).
- Os investimentos da Vale em obras de reparação e de descomissionamento em Minas Gerais suavizaram os impactos econômicos negativos, decorrentes do menor nível de produção, estimados anteriormente.
- O retorno gradual das atividades em unidades paralisadas em 2019 e a volta das operações da Samarco em 2020 sinalizam recuperação paulatina da produção do setor nos próximos anos, com efeitos positivos para a economia mineira.

Nota Metodológica

Os impactos econômicos – objeto deste estudo – estão associados direta e indiretamente à paralisação parcial da atividade de mineração em Minas Gerais. Os efeitos diretos, no Brasil e em Minas Gerais, na primeira parte do estudo, representam as perdas de produção no estado vinculadas às atividades do setor de ‘extração de minério de ferro, não ferrosos, beneficiamentos e de aglomeração’. Os efeitos indiretos estão relacionados às perdas geradas nos demais setores da economia, no país e no estado, como reflexo dos encadeamentos produtivos a montante (setores fornecedores).

As estimativas baseiam-se na metodologia de análise Insumo-Produto. A Matriz de Insumo-Produto (MIP) utilizada tem abertura para 67 setores e duas regiões: Minas Gerais e Restante do Brasil.

Foram analisadas as variáveis: Valor Bruto da Produção (faturamento), Emprego (postos formais de trabalho), Massa Salarial (salários e contribuições sociais) e Arrecadação de Impostos (ICMS). Os dados de valor bruto da produção nacional e estadual foram produzidos, respectivamente, pelo IBGE e pela Fundação João Pinheiro. Os dados de emprego e massa salarial foram produzidos pelo Ministério da Economia, por meio do Registro Anual das Informações Sociais (RAIS). As informações referentes à arrecadação de impostos foram disponibilizadas pela Receita Federal do Brasil e pela Receita Estadual (MG).

As estimativas monetárias foram calculadas a valores correntes de outubro de 2019. Para tanto, utilizaram-se as curvas de preços de minério de ferro imediatamente antes do rompimento da Barragem I, em Brumadinho/MG, e o câmbio médio (R\$/US\$) esperado em outubro de 2019, conforme Tabelas 1 e 2.

Cabe destacar que o minério de ferro extraído no estado possui teor de pureza média inferior a 62%, o que determinou o uso de um fator de correção para os preços que incorporam o *spread* dos últimos dois anos entre o minério de menor pureza – extraído em Vargem Grande e Paraopeba – e o minério-base (62%), cuja cotação é projetada pelo mercado. Considerou-se que a produção de pelotas utiliza o minério extraído localmente.

Tabela 1. Projeções de Preço de Minério de Ferro (62%) - US\$

2019	2020	2021
70,15	65,35	67,3

Fonte: Bloomberg. Preços projetados antes do rompimento da barragem.

Tabela 2. Projeções de Câmbio (R\$/US\$)

2019	2020	2021
3,94	4,05	3,89

Fonte: LCA Consultores (outubro de 2019)

Para mensurar os impactos das obras anunciadas pela Vale, foram utilizadas informações disponibilizadas pela mineradora no documento Balanço da Reparação. Devido à ausência de informações sobre o direcionamento específico dos investimentos e dos prazos de contratação das obras, foram selecionados os setores da construção e de saneamento para a aplicação do modelo de suavização dos impactos econômicos. O período utilizado para a aplicação dos investimentos foi de 2019 a 2021. Considerou-se como efeitos diretos os impactos diretamente relacionados aos setores da construção e de saneamento no primeiro ano e ao da construção nos dois anos seguintes.

BALANÇO ANUAL 2019 E PERSPECTIVAS

FICHA TÉCNICA

REALIZAÇÃO

Sistema FIEMG – Federação das Indústrias de Minas Gerais

PRESIDENTE

Flávio Roscoe Nogueira

RESPONSÁVEL TÉCNICO

Gerência de Estudos Econômicos

Esta publicação é elaborada com base em análises internas, desenvolvidas a partir de dados públicos.

Não nos responsabilizamos pelos resultados das decisões tomadas com base no conteúdo deste material.

